



Desigualdade social, racial e ambiental

Diferença no impacto de eventos climáticos nos bairros vizinhos
Paraisópolis e Morumbi demonstra Racismo Ambiental na cidade (PÁG.17)

FOTO: GISELE FARIAS



REALIDADE: Segunda maior favela do estado de São Paulo, Paraisópolis reflete ausência do poder público; crise climática deixa moradores sem acesso a moradia digna e serviços básicos de saúde

A VEZ DELAS

Vozes femininas crescem nas batalhas de rima

Elas são minoria, mas nova geração de mulheres no rap já chegou no streaming; MC Nalai (foto) representa o gênero. (PÁG. 21)

URGÊNCIA

Terminal Itaquera, na Zona Leste, vira nova 'cracolândia'

Próximo das estações de trem, metrô e ônibus, local sofre com insegurança que ocasiona medo em passageiros e funcionários. (PÁG. 8)

SOLIDARIEDADE

Torcidas de times paulistas focam em ações sociais

Fora dos estádios, torcedores das organizadas promovem campanhas solidárias para garantir saúde e lazer à população de São Paulo. (PÁG. 18)

SAÚDE PÚBLICA

'Lixões' na periferia afetam a saúde mental da população

População sofre com o desconforto e a falta de políticas públicas; são mais de 370 mil residências sem saneamento adequado na capital. (PÁG. 9)

ACOLHIMENTO

Voluntários mostram rotina de atendimento

FAPCOMUNICA acompanha o dia a dia do Movimento Estadual da População em Situação de Rua de São Paulo e mostra histórias inspiradoras. (PÁGs. 4 e 5)

CONSEQUÊNCIA

Obras inacabadas viram foco do mosquito da dengue

Trabalhadores da construção civil e especialistas relacionam urbanização acelerada com o crescimento da doença na capital paulista. (PÁG. 14)



Lutar por um direito que já é seu

Privilegio significa a vantagem [prerrogativa, benefício, regalia, mordomia] que determinadas pessoas têm em detrimento de outras. Esse substantivo talvez seja o que melhor defina a composição de um Brasil que desde a colonização amarga a vergonha de explorar a mão de obra de povos originários e de pessoas negras que, até hoje, trabalham para que os privilegiados mantenham esse status. O trabalho [ofício ou profissão de alguém], por acaso, é uma palavra que pode ser usada para caracterizar a população brasileira que, em sua maioria, excede a jornada de 44 horas semanais permitida por lei em busca dos recursos necessários para alimentar a família. Essa realidade demonstra uma disparidade social que parece preocupar apenas aquele que mais luta para ter acesso aos direitos básicos. Não deveria ser assim, não no modelo de terra adorada. Mas é.

Esta edição do FAPCOMUNICA traduz a luta [desafio] da sociedade pela garantia do direito básico ao descanso, como prevê a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), e explica que a defesa pela redução da jornada de trabalho na escala 6X1 é uma alternativa para evitar a “escravidão moderna”. E nessa batalha diária ainda sobra espaço para defender a igualdade de gênero, o fim do capacitismo estrutural e de outras discriminações históricas que aparecem de forma cristalina quando a problemática do racismo ambiental no Paraisópolis é colocada em pauta. A segunda maior favela do estado de São Paulo, vizinha do Morumbi [região nobre, arborizada, com edifícios modernos], é o exemplo claro da manutenção de um sistema que pode ser tudo, menos equânime [justo].

Nossa reportagem também mostra como bairros periféricos são diferentemente afetados com a crise climá-

tica e sofrem de forma desproporcional com a falta de acesso à saúde, à água potável, à moradia, à dignidade. A reflexão proposta aqui demonstra que as populações negras e indígenas figuram nos grupos sociais com menos acesso ao saneamento e às áreas verdes que garantem a qualidade do ar, logo, o equilíbrio do clima.

Esse mesmo retrato de nação mostra os hábitos de consumo de uma sociedade que pode ser responsável pelo fim da Amazônia. A cada nova queimada, a floresta se aproxima de uma degradação irreversível. Estudos elencados nesta edição ilustram que a mata pode desaparecer até o ano de 2050 e causar impacto no bioma de todo o planeta, mas especialmente na rotina dos brasileiros marginalizados que pedem socorro no quintal de casa e não são ouvidos. O FAPCOMUNICA mostra que a falta de políticas públicas eficazes para conter o avanço do desmatamento atinge, inclusive, as coberturas de prédios espelhados com varandas gourmet localizados em bairros nobres. Dessa perspectiva, ninguém é privilegiado. E é por isso que a preservação ambiental é uma questão que deve unir, jamais segregar. É o todo que deve lutar para manter a biodiversidade, a vida [direito].

Mas esse modelo ficcional de união também não seria justo com aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade, já que até a saúde mental do paulistano da periferia se deteriora mais do que a daquele com maior poder aquisitivo. Os menos favorecidos são justamente os mais afetados pelas chagas do nosso tempo: as mudanças climáticas, o racismo, a misoginia, a dengue – além de outras doenças – e tantos sintomas agravados pelo modelo econômico que prioriza a verticalização da cidade frente ao cuidado urgente de dependentes químicos que

se espalham nas chamadas ‘micracolândias’ instaladas em bairros populosos como Itaquera, na Zona Leste, cujas ruas viraram morada de usuários da droga sintética K9. Especialistas ouvidos para esta edição afirmam que o efeito devastador do entorpecente gera crise de pânico, perda da consciência, coma, falência dos rins e do fígado. Novamente, a população afetada é a mais pobre [moradores da periferia, trabalhadores].

A parte positiva da história real é a esperança [expectativa] depositada nas pessoas que lutam pelo reconhecimento dos direitos fundamentais dessa população historicamente prejudicada. Nesse roteiro emergem projetos de grupos engajados na construção de uma sociedade que se aproxima da ideia de prosperidade [felicidade]. Para ilustrar como essa possibilidade é factível, o FAPCOMUNICA acompanha a rotina de voluntários que acolhem paulistas em situação de vulnerabilidade socioeconômica e oferecem dignidade aos brasileiros invisibilizados.

Essas alternativas de Brasil, pátria amada àqueles que lutam todos os dias, também mobilizam as torcidas organizadas de São Paulo na prática de ações solidárias fora dos campos. E essas atitudes são as mesmas que propõem mais espaço ao esporte paralímpico e reconhecem a presença de mulheres em todos os lugares, do futebol às batalhas de rimas. Aliás, a palavra luta [integridade, respeito, vocação] caberia como sobrenome para as minorias.

Rita Donato

(Com contribuição de Felipe Medeiros e Marina Victória)

Palavra da Redação

Uma cidade em busca de justiça

Houve um tempo em que cada país, estado, cidade e bairro era um núcleo relativamente encerrado em si mesmo, com seus próprios modos de existir no mundo – ainda que permeados por eventuais intercâmbios culturais, econômicos e de outras naturezas. Desde o advento da globalização, essa dinâmica sofreu profundas transformações, e houve quem afirmasse que uma inversão se aproximava: agora, todo lugar seria igual, homogêneo, refletindo a influência generalizada de potências como a estadunidense e as europeias.

Mas aqui embaixo, no Brasil, um pioneiro da Geografia Crítica propôs outra maneira de enxergar a relação entre essas diferentes escalas. Milton Santos, em sua obra *A Natureza do Espaço*, diz que “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local,

convivendo dialeticamente”. É a partir da perspectiva de Santos que esta edição volta o olhar para a cidade de São Paulo, com suas particularidades sempre presentes atravessadas pela sua vocação cosmopolita – não só um Brasil, mas um mundo todo em miniatura.

Alguns dos traços mais marcantes da capital paulista, assim como do mundo em que vivemos hoje, são suas contradições. A prosperidade de alguns não só coexiste, mas se aproveita da miséria de muitos outros, que vivem às margens da cidade e da dignidade. Ao percorrer São Paulo, encontramos esses mesmos problemas por onde quer que passemos.

E é buscando cumprir a missão de agente da transformação social e política que o FAPCOMUNICA amplifica vozes que precisam ser ouvidas, faz alertas que

não devem ser ignorados, e convida todos à prática da cidadania. Seja ao defender a democracia; pelo exercício do direito à cultura, ao lazer, à natureza, ao bem estar, ao esporte; e principalmente, por meio do despertar de cada consciência aos tantos desafios que ainda precisamos resolver enquanto sociedade, nesta edição, o leitor tem a oportunidade não apenas de se informar, mas de se tornar, ele mesmo, um agente da transformação que espera ver no mundo.

Felipe Medeiros Silva e Marina Victória Souza

FAPCOMUNICA

ANO 11 - NÚMERO 19 - AGOSTO DE 2024

Impressão: Gráfica Paulus
Tiragem 2.000 exemplares

FAPCOMUNICA é o jornal laboratório da FAPCOM, onde os estudantes de jornalismo praticam suas habilidades e se comunicam com a comunidade. **FAPCOM - Faculdade Paulus de Comunicação | Endereço:** Rua Major Maragliano, 191 - Vila Mariana - São Paulo/SP - 04017-030 | **Telefones:** (11) 0800 709 8707 (11) 2139-8500 | **www.fapcom.edu.br** | **EXPEDIENTE: Direção:** Pe. José Erivaldo Dantas | **Assessoria Acadêmica:** Tiago Souza Machado Casado | **Coordenação Acadêmica de Jornalismo:** Rita Donato | **Conselho Editorial:** Pe. Erivaldo Dantas, Profa. Rita Donato, Profa. Deise Oliveira, Profa. Vaniele Barreiros, Prof. Bruno César dos Santos | **Coordenação de Redação:** Profa. Vaniele Barreiros - Mtb: 37576, Profa Deise Oliveira - Mtb 43.796 | **Edição:** Profa. Rita Donato - Mtb 50.059 | **Projeto Gráfico e Coordenação de Diagramação:** Profa. Bia Mendes e Profa. Patrícia Campinas | **Revisão:** Prof. Bruno César dos Santos | **Produção:** Alunos do 3º semestre de Jornalismo - 2024/1.

Nesta edição, os alunos atuaram com a supervisão das professoras Vaniele Barreiros e Bia Mendes nas seguintes funções: Editor e sub-editora chefe: Felipe Medeiros, Marina Victoria | Editores: Bianka da Costa (Política), Beatriz Maia (Direitos Humanos), Gisele Farias (Meio Ambiente), João Pedro Rocha (Eleições), Kathleen Caroline (Cultura), Mariana Larrubia (Cidades), Pedro Helena (Esportes) | Diagramação: Pedro Staaks, Camile Fagundes, Nahaly Cristini e Rinaldo Santos | Fotografia: Victor Sousa.

Movimento VAT luta contra a escala 6x1

‘Vida Além do Trabalho’ mobiliza os trabalhadores do Brasil na busca pela redução da jornada de trabalho e por mais tempo de descanso

FOTO: VICTOR SOUSA



QUESTÃO DE SAÚDE: Manifestações de 1º de maio, em São Paulo, pelo fim da escala 6x1 no Brasil, que lidera o ranking da América Latina de trabalhadores com doenças relacionadas à depressão e ansiedade

O debate sobre a redução da jornada de trabalho no Brasil voltou à tona na sociedade civil, depois de ter sido “esquecida”, nas eleições presidenciais de 2022 como elemento central das campanhas do PCB (Partido Comunista Brasileiro) e da UP (Unidade Popular pelo Socialismo).

Entretanto, o debate só ganhou força de propagação e se tornou amplamente público em 2023, através de Ricardo Azevedo, idealizador e liderança do Movimento VAT, que tem como meta emergencial o fim da escala 6x1, sistema de escala em que se trabalha seis dias para folgar um.

A jornada de trabalho máxima permitida no Brasil é de 44 horas semanais e 8 horas diárias, com exceção de casos de acordos e convenções coletivas, através da semana corrida. Porém, nenhum trabalhador sob o regime de CLT pode trabalhar 7 dias seguidos.

No entanto, 8 horas diárias vezes os 5 dias que temos na semana útil equivalem a 40 horas, e essas

4 horas excedentes viram mais um dia de trabalho. Assim, a CLT acolhe o regime de escala 6x1, quando sobra para o trabalhador apenas um dia para cuidar da saúde, estudar e resolver problemas pessoais.

Matheus Roberto, de 22 anos, que trabalhava como atendente no centro de São Paulo em escala 6x1, relata o sentimento em relação ao trabalho “a gente não tem muito tempo pra descansar e viver a própria vida, acho que nessa escala, acabamos só sobrevivendo”. Logo em seguida, ele fala do seu tempo livre “vamos supor que eu queira jogar bola ou ir ao cinema, um lazer meu fica muito corrido, tenho sempre que abrir mão de alguma coisa graças a minha escala de trabalho”.

O Brasil lidera o ranking Latino Americano de população que sofre de transtornos associados à ansiedade e depressão. Nos dados levantados pela OMS (Organização Mundial da Saúde), 9,3% do povo brasileiro sofre de doenças psicológicas. Paralelo a isso, o INSS, seguindo as

recomendações da OMS, passou a considerar a Síndrome de Burnout, doença associada à depressão e ansiedade, como doença ocupacional.

A psicóloga Kate Queiroz, 34 anos, relaciona os altos índices de ansiedade e depressão com fatores laborais, como “o aumento da competitividade no mercado de trabalho, pressão por metas, conflitos no ambiente de trabalho, insegurança no emprego”, e completa, “o principal, na minha perspectiva, são as longas jornadas de trabalho e a falta de equilíbrio entre vida pessoal e profissional, [que] vão agravar os sintomas de ansiedade e depressão”.

Rick Azevedo, 30 anos, começou a articular a criação do Movimento VAT (Vida Além do Trabalho) através de um vídeo que viralizou no Tik Tok. No vídeo, ele chama a escala de “escravidão moderna”. O que era pra ser só um desabafo desprezível acabou ganhando força. O Movimento VAT atualmente circula uma petição formal pelo fim da es-

“A gente não tem muito tempo pra descansar e viver a própria vida. Acho que nessa escala, acabamos só sobrevivendo”

cala 6x1, que já conta com 1 milhão de assinaturas, e lá apontam as propostas emergenciais do movimento.

Junto à petição, Erika Hilton, 31 anos, deputada federal pelo PSOL, que está à frente do VAT no Congresso Federal, protocolou no dia do trabalhador, deste ano, uma PEC defendendo o fim da Escala 6x1. Assim, levou com mais concretude o

debate ao Congresso. Priscila Santos, 29 anos, liderança do Movimento VAT em São Paulo, diz que “sem pressão popular não adianta ter uma PEC”, defendendo o VAT como um movimento de mobilização popular.

Além da organização própria, o VAT tem sido construído também por outras forças políticas aliadas do movimento, como a UJC, PCB-RR, PSTU e Sindicatos. Sobre essas alianças, Priscila afirma que “o VAT é uma força independente e isso deve ser assegurado. O protagonista do movimento é o trabalhador, e o trabalhador está cansado de não ser representado por partidos políticos e sindicatos”. Priscila conclui que o VAT é uma organização “que entende o trabalhador e está disposta a ouvi-lo e falar com ele de um jeito que ele entenda”.

REPORTAGEM:
GABRIEL FERREIRA
CARLOS ALONSO

DIAGRAMAÇÃO:
CAMILLE FAGUNDES

Um dia no Movimento Estadual da População em Situação de Rua de SP

Conheça histórias de quem constrói e frequenta o espaço de acolhimento a pessoas em condição de vulnerabilidade socioeconômica na cidade

Na manhã do dia 26 de abril em São Paulo, as repórteres Beatriz Maia e Heloísa Trindade se encontram na estação Sé para iniciar o dia acompanhando de perto a invisibilidade social na cidade que nunca para. Assim que o encontro aconteceu, caminharam até a Praça da Sé e seguiram rumo ao Movimento Estadual da População em Situação de Rua de São Paulo (M.E.P.S.R.S.P). Chegaram por volta das dez da manhã no refeitório que fica na rua General Carneiro, na região central, próximo ao Pátio do Colégio.

Ao entrar, logo foram informadas um pouco sobre a rotina do movimento. Era possível ver que a fila já se iniciava na esquina da praça Fernando Costa para a distribuição das 300 fichas destinadas ao almoço.



FOTO: YASMIN BARBOSA SOCIAL MÍDIA DO MOVIMENTO AO LADO DOS CONVIVENTES DO PROJETO



DISTRIBUIÇÃO DE MARMITAS DURANTE O ALMOÇO REALIZADO PELOS TRABALHADORES DO POT (PROJETO OPERAÇÃO TRABALHO)

11:00

Às onze horas, os funcionários do POT (Projeto Operação Trabalho) organizaram os moradores para que subissem em grupos de dez. Ao entrarem no refeitório 'Amor à vida', foram recepcionados pelo Senhor Luiz, com grande entusiasmo, que os direcionou para as mesas. Logo, todos foram acomodados e as marmitas, doadas por restaurantes, foram distribuídas. Ao meio-dia o almoço se encerrou e a equipe do POT começou a limpeza do refeitório.

Às quatorze horas, notaram que o fundador do movimento, Robson Mendonça, estava ali. Foram até o senhor, conhecido por ter se acorrentado em frente à Câmara Municipal lutando pela Cozinha Cidadã. O ativista contou um pouco mais sobre a fundação do movimento solidário.

14:00



FOTO: ROBSON MENDONÇA, COORD. DO MOV. ESTADUAL DA POP. EM SITUAÇÃO DE RUA DE SP

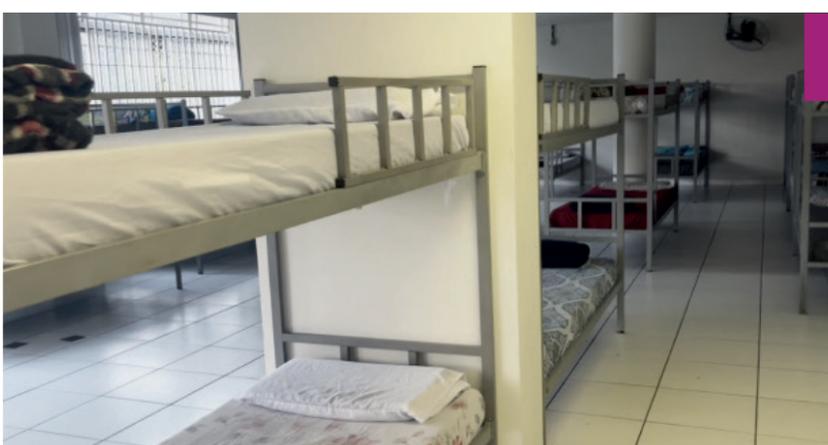


FOTO: ACOMODAÇÕES ONDE SÃO ACOLHIDAS A PESSOAS EM SITUAÇÃO, VAGAS FIXAS E PERNITES

15:00

Uma hora depois, uma atenciosa funcionária as levou para conhecer os dormitórios do albergue. No terceiro andar, ficam os homens, e no 4º, ficam as mulheres e a comunidade LGBTQIAP+ - em maioria, são transexuais e travestis. O espaço é bem amplo, claro e fresco, contendo camas que já estão arrumadas com fronhas, lençóis e cobertores, que são levados diariamente para a lavanderia.

15:30

A funcionária aproveitou para mostrar o kit de higiene que é fornecido, contendo: um shampoo, um sabonete, uma escova de dente e um creme dental, todos enrolados em toalhas que também são levadas para a lavanderia todos os dias. Em seguida, as pessoas atendidas conheceram a biblioteca e pegaram alguns livros para ajudar na distribuição durante a próxima refeição.



FOTO: KIT DE HIGIENE PESSOAL

16:30



FOTO: CONVIVENTES CONTENTES COM OS LIVROS DOADOS

Após uma hora, as repórteres desceram novamente para o refeitório e encontraram alguns moradores que chegavam para a sopa. Enquanto a comida não era distribuída, aconteceu a distribuição dos livros que gerou entusiasmo aos que estavam no local, incluindo as crianças. Um homem em situação de rua, vindo de Santa Catarina, relatou com nostalgia sua infância na praia ao lado do pai assemelhando-se com a literatura “Léo e a Baleia” e disse que estava com saudades de casa. Nesse momento, a repórter Beatriz não conteve a emoção.

17:00

Trinta minutos depois, foram servidas mais marmitas de doação, junto com salada de pepinos, também fornecida pelo Movimento. Um dos momentos que mais marcou Heloísa foi quando um dos moradores, que estava no refeitório, abordou as jornalistas e contou um pouco sobre sua vida. Ele relatou que tinha saído do presídio recentemente e que gostaria de mudar de vida. Um dos desejos era ver os netos crescerem.

Às dezessete horas, os funcionários serviram os caldeirões de sopa com carne cozida, cenoura e macarrão. Tempo depois, foi liberada a entrada para o albergue. As monitoras do Movimento receberam e cadastraram as pessoas que entravam para tomar banho e descansar.



FOTO: FUNCIONÁRIA PREPARANDO A SOPA

18:00



FOTO: CONVIVENTE COM AS MARMITAS DO PERÍODO NOTURNO

Ao fim do dia, as repórteres Beatriz e Heloísa se despediram da equipe com o coração transbordando de emoção e sensibilizadas com a solidariedade do Movimento. E assim foram embora após acompanhar um dia inteiro de doação, empatia e humanidade no amparo daqueles que muitas vezes são esquecidos nas esquinas da sociedade.

*(Programa Operação Trabalho, ação da Prefeitura da cidade de São Paulo que estabelece parceria com as ONG's, onde os moradores de rua são contratados e prestam serviços nos movimentos)

REPORTAGEM / IMAGENS: BEATRIZ MAIA | HELOÍSA TRINDADE
DIAGRAMAÇÃO: RINALDO SANTOS

DESCUBRA O IMPACTO DO PROJETO SOCIAL! ESCANEIE O QR CODE E ASSISTA AO VÍDEO MAIS DETALHADO



Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo garante acessibilidade no processo eleitoral

Órgão conta com tecnologia e informação como aliadas para garantir o direito ao voto de forma plena e igualitária, além da total segurança

ILUSTRAÇÃO: PATRÍCIA CAMPINAS

A acessibilidade para eleitores com necessidades especiais é fundamental para garantir a participação democrática de todos os cidadãos. Em época de eleições municipais, como as que acontecem em outubro deste ano, o Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo (TRE-SP) exerce o papel de assegurar que todos os eleitores paulistas tenham acesso às urnas.

Em entrevista concedida ao FAPCOMUNICA, o coordenador do TRE-SP, Vitor Amaral, afirmou que o órgão é responsável por escolher as zonas eleitorais que cumpram as necessidades de toda a população. De acordo com ele, “o TRE-SP é um órgão que preza pela democracia e pela participação de todos no processo eleitoral, portanto, há sempre essa preocupação com a acessibilidade dos eleitores com necessidades especiais”.

A relevância deste tema se reflete na necessidade de garantir que todas as pessoas, independentemente de suas limitações físicas ou cognitivas, tenham a oportunidade de exercer o direito de todos ao voto.

A acessibilidade eleitoral envolve a disponibilidade de locais de votação adaptados, com rampas de acesso, sinalização adequada e urnas eletrônicas com recursos de acessibilidade, como áudio-guia e teclado em braile. Além disso, é essencial que haja treinamento constante para os mesários e demais colaboradores envolvidos no processo eleitoral, a fim de garantir que saibam como auxiliar os eleitores com suas respectivas necessidades.

Nas últimas eleições, ocorridas em 2020 e 2022, a sociedade brasileira foi tomada por uma onda de desinformação e notícias falsas, as fake news, sobre fraudes nas urnas, que gerou muita desconfiança quanto ao processo eleitoral do País.

Ao ser questionado sobre a confiabilidade das urnas eletrônicas, Amaral respondeu que “com certeza as urnas são confiáveis”. Ele declarou que nunca houve evidências de fraude no equipamento: “São 28 anos do uso da urna eletrônica no Brasil e até hoje não houve nenhum indício de fraude nas eleições”,



DIREITO: Qualquer brasileiro deve ter acesso aos locais de votação; todas as urnas são adaptadas com áudio-guia e teclado em braile

O profissional ainda lembrou que existe um momento em que o código fonte das urnas é aberto para conhecimento público, chamado de Teste Público de Se-

gurança (TPS), onde os eleitores podem verificar se existe alguma alteração no processo eleitoral, sem prejuízo ao sigilo do voto e a segurança das urnas.

REPORTAGEM:
MARIA EDUARDA DE GUIMARÃES
KAË CORDEIRO

DIAGRAMAÇÃO:
PEDRO STAAKS

INFRAESTRUTURA FAPCOM

Na **FAPCOM**, é a união da teoria com a prática que realmente faz a diferença. Pensando nisso, temos o sistema de empréstimo de equipamentos, onde os alunos podem retirar câmeras fotográficas, microfones, LEDs e muito mais!

FACULDADE PAULUS DE COMUNICAÇÃO
Rua Major Maragliano, 191 – Vila Mariana – São Paulo

(11) 2139 8506 | (11) 98751 1659 | www.fapcom.edu.br

Agência experimental
Publicidade e Propaganda

Agência experimental
Relações Públicas

Lab. Fil. e Pastoral
Universitária.

Estúdios de Rádio, TV

Laboratórios

Estúdios de
Fotografia

Empréstimo de materiais

FAPCOM

Revisão Intermediária do Plano Diretor: Impactos Profundos na Vila Mariana

O panorama urbano do bairro tem passado por grandes transformações após a revisão do Plano Diretor Estratégico, aprovado em 2023

FOTO: VICTOR SOUSA

Uma das principais mudanças promovidas pelo novo Plano Diretor Estratégico (PDE) é a ampliação do raio de influência dos Eixos de Transporte Público, que visam incentivar o adensamento próximo a estações de trem, metrô e corredores de ônibus. O novo texto do PDE, sancionado pelo prefeito Ricardo Nunes em 7 de julho de 2023, delineou mudanças em diversos eixos temáticos, como habitação social, mobilidade, meio ambiente e preservação cultural. Emerge então a necessidade de examinar de perto essas alterações e os impactos concretos que têm sido observados pelos moradores e especialistas.

Anteriormente, o plano estabelecia um raio de 600 metros das estações de trem e metrô e 300 metros dos corredores de ônibus. Com a revisão, esses valores aumentaram para 700 e 400 metros, respectivamente, o que gerou preocupação entre os vizinhos. É o que expressa o depoimento de João, morador da Vila Mariana, “Estamos bastante preocupados com o aumento da quantidade de pessoas na área. Isso

pode acabar sobrecarregando as escolas, os hospitais e até mesmo o transporte público.”

Outra mudança relevante é o estímulo à produção de apartamentos com área superior a 30m², mediante a pagamento para construção acima dos limites definidos pelo plano. Lucas Silva, mestre em Planejamento Urbano aponta que “as alterações no Plano Diretor podem trazer tanto oportunidades de investimento imobiliário quanto desafios para os moradores.”

O plano gerou preocupações em relação à gentrificação e especulação imobiliária, contribuindo para a valorização dos imóveis na região. Os moradores temem pela perda da essência tranquila e histórica do bairro, a transformação do perfil comercial, com o fechamento de estabelecimentos tradicionais. Como aponta Lucas, “as alterações no Plano Diretor geralmente têm um impacto direto no valor dos imóveis, especialmente em áreas urbanas valorizadas, como a Vila Mariana.”

A diminuição de áreas verdes



IMPACTOS: População teme que bairro perca as características e se transforme em área com perfil comercial

para construção de mais prédios perto do transporte também preocupa João e os demais moradores: “É verdade que o transporte público melhorou um pouco. Mas a gente também quer ver melhorias na qualidade de vida, né? Mais áreas

verdes, mais espaço pra gente respirar.”

O Plano tem sido um ponto central nas discussões sobre o futuro da cidade e suas regiões. Na Vila Mariana, as mudanças promovidas por essa revisão intermediária têm

gerado impactos, suscitando debates sobre mobilidade, habitação, valorização imobiliária e preservação da cultura e do patrimônio.

REPORTAGEM: KAMILLY ALVES VICTOR NOGUEIRA
DIAGRAMAÇÃO: NAHALY CRISTINI

Considerada ‘minicidade’, Vila Mariana é referência na capital

Com uma localização estratégica, região atrai número crescente de novos moradores e ganha destaque ao apostar em segurança, educação e lazer

FOTO: VICTOR SOUSA

Residências, metrô, comércio, acesso a regiões centrais e áreas de lazer são algumas características associadas à Vila Mariana, na cidade de São Paulo. O local foi nomeado o mais visado para compra e aluguel de residências, segundo pesquisa do DataZap.

Apesar de parecer contraditório, o aumento de interesse pelo bairro também acompanha o aumento da criminalidade e o superfaturamento do custo de vida. Segundo a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, até o meio de 2024, mais de 1.200 furtos foram contabilizados no bairro. Em todo o ano de 2023, 3.538 registros foram calculados. Mas mesmo com tais estatísticas preocupantes, a Vila Mariana ainda é o sonho daqueles que buscam moradia na cidade.

Leonardo Loyolla Coelho, professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário

“Há 40 anos atrás não tinha prédios, era só residência. Era muito mais familiar e tranquilo”

Belas Artes de São Paulo, explica que houve uma verticalização do bairro: Em 1975, acontece a inauguração da estação Ana Rosa do metrô. Posteriormente, da estação Vila Mariana, o que criou um vetor de valorização e principalmente de verticalização do bairro. Começa-se a construir prédios residenciais; eles vêm em função da proximidade de um transporte público com maior capacidade de passageiros. Aos poucos foi se substituindo também as áreas industriais por outros usos, pelos usos de instituições de educação, como o caso da FAPCOM, da Belas Artes e da ESPM. Segundo o professor, as faculdades se instalaram no bairro devido à proximidade ao transporte público, que tornam o bairro um lugar estratégico.

Em virtude do desenvolvimento urbano, o bairro se tornou uma “mini” cidade. Quase não é preciso sair dessa área para encontrar tudo o que é necessário para viver. Ao descer no metrô Ana Rosa, é possível se deparar na mesma rua com farmácias, restaurantes, academias, comércios varejistas de todos os tipos e prédios residenciais. Além disso, o bairro ainda abriga um dos mais conhecidos parques de São Paulo, o Ibirapuera.

Esses atrativos tornam o bairro um ponto de interesse para moradia. A terapeuta Marisa Martins, que atua há mais de 40 anos na região, diz que o bairro é tranquilo e gostoso, é um bairro



VISTA PRIVILEGIADA: Cinematheca Brasileira localizada no bairro é um dos espaços que ajuda a diferenciar a região

plano, onde moram muitos idosos. Segundo a DataZap, eles são 19,7% da população do bairro.

Marisa relata ainda uma diferença organizacional do bairro quando ela começou a frequentá-lo há 40 anos atrás, em comparação a hoje: “Há 40 anos atrás não tinha prédios, era só residência. Era muito mais familiar e tranquilo”. Marisa ainda relata que naquela época, o portão de sua clínica que dava para a rua ficava sempre aberto, o paciente chegava, entrava pelo portãozinho e subia a escada, havendo um certo senso de segurança e tranquilidade na região.

Naquele período, a Vila Mariana já estava num processo de apuração

e a quantidade de prédios aumentou drasticamente. O professor Leonardo completa: “Obviamente, o mercado imobiliário capitalizou isso, tendo um acesso mais fácil a oportunidades, você tem um custo de solo maior, que foi apropriado pelo mercado.”

Essa supervalorização do bairro trouxe a população de mais alta renda e acarretou na exclusão de populações minoritárias. Segundo o professor, o bairro passou por um processo de gentrificação, onde o encarecimento do custo de vida devido à transformação urbana piora a segregação socioespacial na cidade.

O bairro, que antes era apenas visto como residencial, sofreu um

“boom” imobiliário e, em 60 anos, aproximadamente 53 mil prédios foram construídos. Segundo levantamento do Grupo Loft, O m² chega a alcançar o valor de R\$11.350.

A Vila, que antes era procurada pelo ar puro e clima interiorano, devido às poucas casas e fábricas presentes, se tornou um dos distritos mais visados para moradia devido à constituição estratégica que corresponde a necessidades urbanas.

REPORTAGEM: LETÍCIA SALES MARIANA LARRUBIA

DIAGRAMAÇÃO: PEDRO STAAKS

Dependentes químicos geram conflitos aos passageiros do Terminal Itaquera

Quantidade de usuários que se estabeleceu no local aumentou depois de ações na cracolândia

Itaquera é conhecido por ser um dos principais bairros da Zona Leste de São Paulo e também um dos mais populosos da capital. Por conta disso, um extenso terminal de ônibus, integrado às linhas 3 do Metrô e II Coral da CPTM, é responsável pelo deslocamento diário de milhares de pessoas, que enfrentam um problema além do transporte público: o da convivência com os reflexos da dependência química. Um número considerável de usuários de drogas se estabeleceu, principalmente, no terminal de ônibus. A todo momento, pedem lanches, dinheiro e fazem uso de entorpecentes sem discriminação, em meio ao vai e vem dos passageiros.

Depois das ações de segurança pública na chamada Cracolândia, no centro da capital paulista, em 2022, a população de lá se espalhou pela cidade. Desde então, houve um crescimento desenfreado de dependentes químicos no Terminal Itaquera. Essas pessoas tratam o local como moradia e usam alucinógenos sem preocupação com a visibilidade. Tiago Ferreira, fiscal de três linhas de ônibus do terminal, relatou como é a situação no local: “Tenho visto isso todo dia, em todos os meus expedientes. Infelizmente, sempre vejo os dependentes para lá e para cá, muitos jovens, na maioria homens. Moças eu vejo de vez em quando, mas a maioria é homens usando drogas e pedindo esmola para lá e para

cá, usando entorpecente”.

Ferreira aponta a facilidade de aquisição das drogas, nas próprias dependências do terminal. “Uma vez, dentro do sanitário do metrô, eu já vi vendendo droga, eu já vi! Me ofereceram maconha e cocaína.” Ele também reclama da falta de segurança: “você não vê nenhuma câmera aqui, nenhum sistema de monitoramento. Os seguranças você não vê patrulhando, fazendo a ronda por aqui, talvez a demanda deles não supre”. Para piorar, o local possui baixa iluminação e fica isolado dos demais pontos de movimento, o que contribui para a passagem de substâncias ilícitas.

A compra das drogas muitas vezes é “financiada” pelos passageiros, que, ingenuamente, fazem doações para ajudar quem vive nessa situação de vulnerabilidade. Os dependentes têm a fala clássica nas abordagens “não quero dinheiro não, quero um lanche”. Caso o passageiro realize o pedido do usuário, ele aproveita e pede um refrigerante de marca específica, mais consumido e valorizado, e há uma razão para isso. A vendedora Natália Esteves, que trabalha em uma loja de variedades, explica: “ficam nas lanchonetes pedindo refrigerante, lanche, as pessoas pagam, e depois eles vendem (para fazer dinheiro). Os camelôs que trabalham lá fora compram, então acabam dando força para isso (o acesso às drogas)”.

Efeitos dos entorpecentes

O que mais choca os passageiros é a situação física dos dependentes e como ficam quando estão sob o efeito de entorpecentes. Diego Rissi Carvalho, perito legista e toxicologista da Polícia Civil do Rio de Janeiro, explica como agem os entorpecentes mais usados no Terminal Itaquera, o crack e o K9: “o efeito do crack é decorrente de sua ação sobre o sistema nervoso central e periférico, sobre o coração e vasos sanguíneos, e inclui euforia, taquicardia, espasmos musculares, convulsões e psicose, que podem variar de intensidade de acordo com a dose. O uso crônico leva ao desenvolvimento

de graves danos ao coração, rins, fígado e cérebro. Na ausência da droga, se tem forte abstinência”.

Já o K9, atualmente o mais utilizado no Terminal, apesar de efeitos parecidos no organismo, é ainda mais devastador. “O K9 tem potente ação sobre o sistema nervoso central. Pequenas doses podem levar a quadros clínicos compatíveis com distonia aguda, rebaixamento do nível de consciência, alucinações visuais e auditivas, ansiedade, paranoia, crises de pânico, comportamento agressivo, taquicardia, aumento da pressão arterial, perda de consciência e coma. Os efeitos do uso crônico são mais devas-

tadores do que o crack, podendo levar a sérios danos aos rins e fígado em poucos dias de uso”.

Uma das preocupações dos passageiros que convivem com o problema é a crença de que os usuários fiquem agressivos pelo uso do K9, mas Carvalho tranquiliza: “na maioria dos casos, a pessoa fica com um comportamento embotado, como em um mundo paralelo. Isso é causado pelo efeito alucinógeno da droga. Por isso, foi apelidada de droga ‘zumbi’ em outros países.”

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO
GIUSEPPE CAPALDI

FOTO: GIUSEPPE CAPALDI



EFEITO DA DROGA: Na maioria dos casos, as pessoas ficam em realidade paralela, diz especialista

Sustentabilidade evolui com ônibus elétricos

Prefeitura de São Paulo prevê transformar 20% da frota até dezembro

FOTO: ANA CAROLINA DE CARVALHO



ELETRA: Veículo movido a energia elétrica chega no terminal Parque Dom Pedro II, no centro da cidade, até 2038, proposta é descarbonização completa

A prefeitura de São Paulo pretende tornar 2600 unidades da frota de ônibus movida à energia elétrica até o final de 2024, ou seja, 20% dos veículos públicos em circulação, além de ter como objetivo a descarbonização completa até 2038. A ideia é que o ecossistema urbano não apenas atenda à população, mas adote uma motorização sustentável. A chegada de montadoras chinesas especializadas nesta área automotiva como BYD e GWM ampliam este cenário marcado pelo aumento da conscientização

ambiental e da necessidade de reduzir as emissões de carbono globalmente.

Iêda Oliveira, diretora-executiva da Eletra, empresa responsável por fornecer os ônibus elétricos para São Paulo, explica que “A indústria nacional de ônibus elétricos já é uma realidade no Brasil e tem todas as condições de atender a meta de descarbonização dos 13 mil ônibus da frota paulistana até 2038”. A tecnologia já se encontra presente, além da capital, nos municípios de Sorocaba, Guarujá, São Bernardo do Campo e

São José dos Campos. As linhas de crédito de determinados programas governamentais também favorecem o setor, como o Mover e o BNDES, além do investimento de R\$6 Milhões pela prefeitura, que abre caminho para a compra de mais unidades.

De acordo com Gilmar Miranda, Secretário Executivo de Transporte e Mobilidade Urbana de São Paulo, cada veículo movido a tração elétrica deixa de emitir anualmente, em média: 0,24 toneladas de NOx (óxidos de nitrogênio), 0,002 toneladas de MP (material particulado) e 106 toneladas de CO2 (dióxido de carbono). Em 2023, o sistema municipal de transportes apresentou redução de 55%, 77% e 8% nas emissões, respectivamente, o que atendeu às metas estabelecidas em aditivo contratual assinado em dezembro de 2022. Atualmente, 285 ônibus movidos a eletricidade estão em circulação, 84 movidos a bateria e 201 trólebus.

O setor dos veículos privados também sente o efeito destas mudanças. De acordo com Marcelo Oliveira, coordenador técnico de uma empresa especializada na infraestrutura de carregamento de baterias, o setor possui metas ambiciosas, mas ainda restam muitas dúvidas por parte do público.

“A usabilidade desse tipo de veículo tem particularidades, então é algo que vai necessitar uma educação um pouco diferente e logicamente que a infraestrutura também vai ter que ser bem modificada para acompanhar esses avanços tecnológicos.”, afirma.

Fábio Gabriel, entregador técnico da fabricante BYD comenta que “virão 600 novos carregadores (ao Brasil) em uma parceria com a Shell”. Ele também afirma que os clientes, ao procurarem adquirir seu primeiro carro elétrico, visam uma maior economia. Oliveira complementa que “a maior vantagem do carro elétrico é que ele não vai ter os mesmos componentes de um carro a combustão, que vai ter muito mais componentes, o que significa uma manutenção menor.” Além disso, nesse quesito, são considerados fatores como o aproveitamento de 95% da eficiência energética disponível e o aumento da autonomia das baterias que foi dobrada, se comparada a modelos mais antigos, como o Nissan Leaf de 2016, com 250km.

A redução dos valores de compra, a exemplo de fabricantes como Renault e BYD, com seus modelos Kwid e-Tech e Dolphin Mini, respectivamente, ambos situados na faixa de R\$100.000,00, contribuiu para a

acessibilidade à compra. Porém, a decisão do Comitê Executivo de Gestão da Câmara de Comércio Exterior de retomar o imposto sobre importação, que aumentará a alíquota gradualmente até chegar em 35% em julho de 2026, fará com que alguns compradores possam ter mais dificuldades em adquirir o seu veículo no médio prazo. Mas, no longo, fortalecerá o mercado interno, que engloba também a fabricação dos componentes eletrônicos, como as baterias. De acordo com o site UOL, elas podem custar aproximadamente entre R\$ 145 mil e R\$ 480 mil.

Gabriel Maia, apresentador do canal Amigos por Carros e piloto, afirma que, além da garantia do componente ser de 8 anos, a evolução tecnológica está barateando o preço de sua troca. Ele complementa que “quanto maior for a fabricação e mais carros elétricos a gente tiver na rua, mais as empresas vão investir e estudar. Não só as montadoras, mas empresas externas, terceiras, vão querer criar baterias e produtos para substituição, vai nascer um novo mercado de autopeças”.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO
JOÃO GALDINO
ANA CAROLINA DE CARVALHO
GABRIEL SERTORI DIAS
ENZO MIURA

Falta de saneamento básico provoca impactos na saúde mental da população

Um terço dos imóveis sem estrutura está na zona sul, segundo a Sabesp

Na maior e mais próspera metrópole do Brasil, São Paulo, a realidade contraditória persiste: A cidade enfrenta a preocupante situação de 370 mil domicílios desprovidos de conexão à rede de esgoto, afetando diretamente cerca de 1,5 milhão de habitantes. Essas estatísticas foram reveladas por um levantamento conduzido pelo SP2, utilizando dados fornecidos pela Sabesp.

Segundo a Sabesp, um terço dos imóveis sem saneamento básico estão na Zona Sul. Na sequência vêm as zonas Norte, Leste, Centro e a Zona Oeste. Em consequência disso, a população periférica é exposta a riscos à saúde psicológica, pois a falta de saneamento

adequado cria um ambiente propício para o estresse crônico nas comunidades afetadas.

A constante preocupação com a contaminação da água, o acúmulo de lixo e a exposição a doenças transmitidas por falta de higiene preocupam os residentes dessas comunidades. Além disso, o estresse crônico pode levar a uma série de problemas de saúde mental, incluindo ansiedade e distúrbios do sono. Esse fenômeno pode ser definido como 'Ecoansiedade', ou seja, a sensação de frustração e pessimismo em relação ao futuro devido às consequências das mudanças climáticas.

Segundo a psicóloga Nádia Meireles Moreira, especialista em saúde mental e mestre em psicologia clínica e cultura, a principal consequência mental da falta de saneamento básico é o adoecimento generalizado. Ela aponta que "o ambiente causa adoecimento clínico e o estresse é produzido por um fator psicológico. Assim, então, excesso de preocupação, excesso de medo e o excesso de instabilidade, o acúmulo de frustrações, a tristeza, essa sensação de o tempo todo não conseguir uma con-

quista, gera um lugar de menos valia, de não pertencimento".

Reflexo disso, é o relato de uma moradora da comunidade Goiabeira, localizada na Zona Leste de São Paulo. Ivonete Oliveira conta as dificuldades enfrentadas pela carência de saneamento básico. "Eu ando muito cansada disso, já tentei de tudo, já liguei para prefeitura, já reclamei, já falei até com os traficantes daqui da área", Ela continua: "O pessoal aqui é muito encostado, todo mundo joga o lixo na frente da casa de todo mundo, as pessoas daqui jogam o lixo em qualquer lugar que não seja na frente das casas".

De acordo com o vice-presidente da ABRAPA (Associação Brasileira de Psicologia Ambiental e Relações Pessoa-Ambiente), o prof. Dr. Mario Henrique da Mata Martins especialista em gerenciamento ambiental, a saúde mental em áreas periféricas é vista como

último plano: "Essa complexidade nas preocupações das comunidades periféricas mostra como o saneamento e o ambiente muitas vezes se tornam 'fundo do problema', ficando invisíveis."

"Os moradores sentem as diferenças, mas essas questões raramente se tornam uma prioridade, as comunidades priorizam questões mais imediatas, como educação e emprego". Para o Dr. Mário os problemas psicológicos não são priorizados, em razão de questões mais "urgentes" e do descaso governamental em resolvê-los, evidenciando a ecoansiedade que afeta essas comunidades vulneráveis.

Os órgãos responsáveis pela administração ambiental da Subprefeitura da Zona Leste foram contatados sobre a ausência na gestão da coleta eficiente de resíduos no bairro da Goiabeira, porém não houve resposta.

"Eu me sinto emocionalmente estressada com essa situação", diz Ivonete Oliveira

“ Equilibrado num barranco incômodo
Mal acabado e sujo
Porém seu único lar, seu bem e seu refúgio
Um cheiro horrível de esgoto no quintal
Por cima ou por baixo, se chover será fatal
Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou
Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou



Racionais MC's - Homem na estrada

Trecho retirado da música "Um homem na estrada" de Racionais Mcs, lançada em 1990/artes: Filipe Godoy)



REFLEXO: Montanha de lixo exposta a céu aberto em bairro da Goiabeira, Zona Leste

FOTO: JOÃO CARLOS

Brasil segue tendência internacional e investe na educação em tempo integral

Dificuldades familiares e falta de gestão são gargalos para conclusão das metas

É baseada na certeza de que os filhos serão acolhidos com um dia produtivo e com segurança, e na necessidade de ter alguém para cuidar deles, que Maria do Carmo, mãe de duas crianças que estão no 3º e 4º ano do Ensino Fundamental, e muitos outros responsáveis matriculam os estudantes no ensino em tempo integral. A implementação dessa modalidade, padrão em países com alto índice de desenvolvimento, faz parte do Plano Nacional de Educação.

Para ampliar o investimento e fomentar a criação de vagas, em julho de 2023 o Ministério da Educação criou o Programa Escola em Tempo Integral. A política prevê aplicação de 4 bilhões de reais para fornecer assistência financeira, técnica e pedagógica aos municípios, estados e Distrito Federal. Conjuntamente, definiu 5 eixos de ação para garantir a qualidade do ensino. O aporte é destinado à criação e manutenção de matrículas desse tipo, ou seja, quando o aluno passa mais de 7 horas diárias ou 35 horas semanais na escola.

No entanto, de acordo com o vice-diretor de uma escola, que preferiu não ter o nome divulgado, falta coordenação e estrutura. Ele afirmou que “Mudaram a base curricular e estamos nos virando pra aplicar as provas, sem professores suficientes nem nada”. O diretor acrescentou ainda que sente muita dificuldade em manter um nível

igualitário para todos os alunos, visto que precisa atender ao calendário.

Essas dificuldades também são observadas a partir do outro ponto de vista do ensino, que, em diversos casos, precisa ficar em segundo plano. Em famílias que passam por dificuldades financeiras, ou não podem manter alguém para cuidar das crianças constantemente, a educação integral é vista como garantia de segurança alimentar e pessoal desses jovens. O medo da aliciação do crime também é fator importante na decisão. Para a maioria, essa é a única alternativa possível.

Com dois filhos no ensino fundamental, Maria do Carmo é mãe solo e trabalha como auxiliar de cozinha. Contou que depende totalmente das refeições fornecidas e do tempo que eles passam na escola. “Não sei como eu ia me virar sem isso, é muito importante a comida que eles dão, e eu sozinha não ia conseguir sair do trabalho pra cuidar deles”. Essa é a situação de muitos responsáveis, que também não conseguem acompanhar a evolução pedagógica dos estudantes.

Apesar disso, ela reconhece que os dois meninos tiveram evolução tanto no aprendizado quanto no comportamento. Nessa vertente, Maria relatou que a relação entre ambos também melhorou muito. A rotina e as experiências parecidas fizeram com que os irmãos que brigavam com frequência se aproximassem. “Eles ficaram muito



FOTO: DANIEL MARQUES

INTEGRAÇÃO: ESCOLA NO INTERIOR DE SÃO PAULO É INTERAMENTE EM TEMPO INTEGRAL

mais unidos quando mudaram de escola, fazem a lição juntos, se ajudam” Nesse sentido, em março de 2024 o MEC desenvolveu o Guia para Elaboração da Política de Educação Integral em Tempo Integral, que visa coordenar e criar um planejamento coeso com base nos dados e nas particularidades de cada região. Essa publicação compõe o Eixo Formar do Programa ETI, e também busca alcançar a qualidade de educação desejada e equidade nesses ambientes.

Esse panorama de sobrevivência muda nos países referência em educação. Nações como Coreia do Sul, Finlândia e França também adotam

a modalidade e têm Índice de Desenvolvimento Humano muito alto. O sucesso nesses lugares se deve a fatores como valorização dos professores, bagagem cultural e individualização do ensino. Na realidade, essas nações procuram fornecer a integralidade no aprendizado, não apenas na carga horária, envolvendo atividades curriculares, interdisciplinaridade e cuidado com o lazer.

Na contramão disso, os professores no Brasil recebem salários inferiores e não têm carga horária definida, uma vez que precisam dedicar tempo fora do trabalho para preparar aulas e corrigir atividades. A construção so-

cial também tem impacto nisso, desde a economia à valorização da educação no desenvolvimento do ser humano, fatores que carecem atenção na estrutura educativa brasileira. O diretor finalizou: “Estamos longe de atingir a falada ‘educação integral’, mas estamos no caminho”. Ele definiu que é fundamental que panoramas financeiros e pedagógicos estejam alinhados para que, finalmente, o Brasil colha os frutos dos investimentos.

**REPORTAGEM DANIEL MARQUES
DIAGRAMAÇÃO DANIEL MARQUES**

Taxa de desistência na graduação preocupa especialistas da área; 55% desistem da formação

A permanência nos cursos universitários é um problema antes mesmo da pandemia, principalmente quando os jovens começam a trabalhar

Segundo dados do instituto Semesp, o mapa do ensino superior do Brasil alerta que mais da metade dos alunos desistem do curso antes de completar, “cerca de 55,5% abandonaram o curso, 18,1% continuam cursando e apenas 26,3% concluíram no tempo devido.”

De acordo com a especialista em neurociência aplicada à educação Professora Marcella Farias, há uma série de fatores que motivam a evasão com tanta frequência. Há algumas causas em comum até com os países mais desenvolvidos tais quais: “Entre eles podemos citar questões financeiras, de mobilidade, de falta de incentivo familiar e da perda do interesse dos jovens em buscarem o conhecimento no formato oferecido pelas universidades.” o que gera uma extenuação entre as relações de cobrança de precisar necessariamente de uma graduação para seguir na “vida adulta”, mas ainda tentando se encaixar na versa-

bilidade que o mundo atual oferece. “A flexibilização das relações de trabalho impactaram muito na forma como o jovem pensa sobre seu futuro.”

Segundo Fabiana Costa, profissional em psicologia, o peso da permanência em um curso que toma relativamente metade do horário comercial pela manhã, e acaba tirando parcialmente o descanso da noite quando é uma graduação noturna, se faz meio impossível conciliar com um trabalho já que depois da maioridade as responsabilidades dos jovens acabam dobrando e os obrigando a se manter de certa forma, fazendo com que a maioria não dependa mais dos pais.

Fabiana foi a maioria da porcentagem que evadiu do curso, antes de se formar a estudante de psicologia trancou o curso no terceiro semestre por não conseguir se manter trabalhando e estudando, pois era um gasto maior do que poderia arcar, além de ser uma rotina massante e sem qualquer in-

teresse por meio da universidade de prender a atenção do aluno.

A profissional diz “O espaço de estudo deve ser mais interessante e despertar mais o lado prático do aluno, o mais do mesmo teórico de antigamente não prende mais a atenção e só cria uma fadiga e sensação de desistência”

Os cidadãos têm uma vida repleta de contato com o mercado trabalhista desde cedo, onde a vida digital, e a possibilidade de estar em um bacharelado de 4,5 anos pode fadiga-los e criar um cansaço emocional, causando desinteresse na forma antiga e monótona de ensino. “No geral, com as mídias digitais a interação é personalizada. Diante de tudo isso, será necessário criar formas que possam equilibrar as diferentes percepções de aprender e também que possam diversificar os conteúdos de acordo com as novas discussões sociais.”

A evasão é cercada por vários fato-

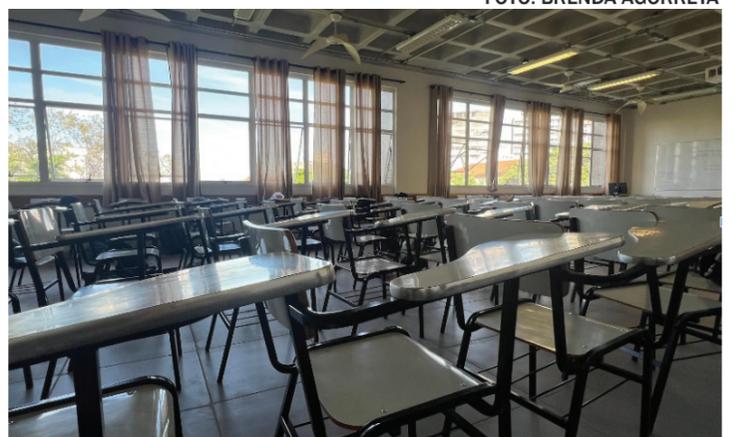


FOTO: BRENDA AGORRETA

EDUCAÇÃO: Faculdade na zona sul de São Paulo em 2024

res e tenta ser desmistificada a alguns anos por profissionais do ensino, buscam por inovações e respostas para a desistência. A professora Marcella cita algumas medidas como profissional da educação para tentar frear esse crescimento tão abrupto no abandono da graduação: “Estabelecer um espaço de diálogo constante entre profis-

sionais experientes, egressos, alunos, professores e coordenadores pode ser um dos caminhos para combater a evasão. Envolver o aluno na construção dos cursos pode aumentar o comprometimento. Para isso as universidades devem focar no conhecimento.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO BRENDA AGORRETA

Inteligência artificial causa incerteza nos profissionais do ramo da dublagem

Pesquisas revelam que 40% do mercado pode ser afetado por programas

FOTO TAYNA DE PAULA E GIOVANNA MATTOS

O mercado da dublagem tem sido gradualmente ameaçado pelo uso constante de inteligências artificiais, que possuem capacidade de escrever textos, manipular imagens e áudios. A substituição de profissionais por máquinas impacta diretamente na economia, que visa a maximização do lucro e a otimização de prazos. O resultado é um desequilíbrio no ecossistema do mercado da dublagem.

De maneira livre, aplicativos que oferecem a possibilidade de manuseio da ferramenta de Inteligência Artificial estão disponíveis na internet, muitas vezes de forma gratuita. Com isso, os profissionais da dublagem começaram a enxergar um possível cenário de risco que, com o tempo, começou a se mostrar cada vez mais iminente. Pesquisas realizadas pelo Instituto Monetário Internacional (IMF), em janeiro de 2024, apontam que países com economias avançadas enfrentam maiores riscos de substituição de empregos por IA do que países emergentes e de baixa renda, sendo respectivamente 60% e 40% as chances dessa substituição.

A maioria dos executivos e empresas de canais de televisão e streaming visa à otimização dos prazos e redução de custos. Por isso, a utilização dos recursos que a IA proporciona causa certa preocupação aos profissionais de dublagem. “Os du-

bladores estão muito preocupados com isso. Existe um movimento chamado ‘Dublagem Viva’. E esse movimento visa regulamentar o uso da IA para que seja utilizada, por exemplo, para regravações ou quando houver mudanças no texto”, diz Lawrence Shum, professor graduado em comunicação e produtor de áudio.

Criado em 2023 pelos principais profissionais da área, o projeto “Dublagem Viva” é um movimento brasileiro que visa a regulamentação das máquinas e a conscientização do público, em defesa da cultura da dublagem no país e da garantia dos empregos, além de alertar sobre as consequências éticas e judiciais.

Um trecho do manifesto publicado no site oficial da Dublagem Viva defende um projeto de lei para regulamentar a relação do mercado com a Inteligência Artificial. “A regulamentação deve ser elaborada de forma a equilibrar os avanços tecnológicos com a preservação de empregos e garantir a qualidade da dublagem, mantendo o respeito aos profissionais e à indústria audiovisual que possui imensa cadeia produtiva”.

Para o dublador Gustavo Cristóvão, “quanto mais pessoas falando a mesma coisa, reivindicando a mesma coisa, mais chance nós temos de sermos ouvidos. Por isso eu vejo com muito bons olhos o movimento e não tenho nenhuma crítica a fazer quan-



ESTÚDIO: O ambiente é utilizado por trabalhadores que atuam com produção e edição de áudio

to a ele.” Cristóvão destaca o quanto considera assustador o futuro da dublagem, com o avanço rápido da IA. “Daqui a um ano ela não vai estar duas vezes melhor, ela vai estar cem vezes melhor. O mundo da dublagem está muito preocupado em relação a isso. Não apenas no Brasil, mas no mundo todo”. Por outro lado, ele também ressalta que, apesar de a ferramenta ser bem desenvolvida,

está longe de entregar o mesmo desempenho que um ator consegue em relação à dublagem.

Considerada a melhor do mundo, a dublagem brasileira espera que o equilíbrio entre a praticidade proporcionada pela tecnologia e a preservação do talento humano e da expressão artística seja um consenso e que a ferramenta agregue naquilo que é um patrimônio cultural. “Você

pode usar a IA de uma maneira que complemente o trabalho humano e faça com que as pessoas fiquem muito mais produtivas, possam pegar outros trabalhos e serem remunerados por isso, então eu não acho que é um problem”, completa Shum.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
GIOVANNA MATTOS
TAYNA DE PAULA

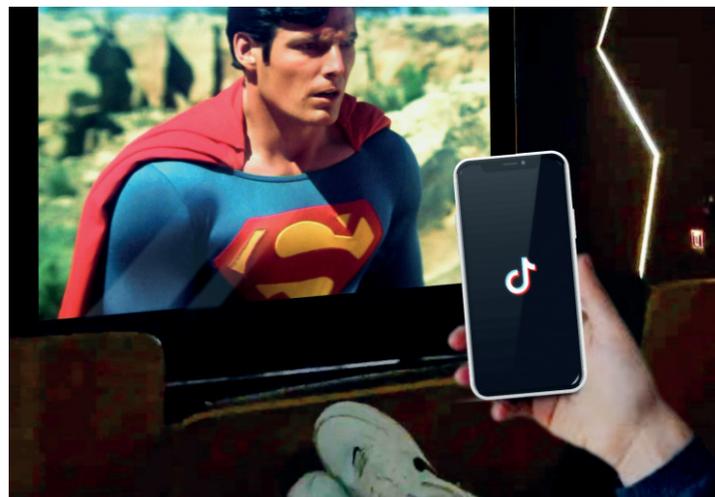
‘Edits’ atraem público jovem para o cinema

Técnica prevê vídeos curtos com cenas marcantes divulgadas nas mídias sociais; estratégia revela novos hábitos de consumo de peças audiovisuais

FOTO: STEPHANIE SILVA

Se você já assistiu uma produção audiovisual sob a influência de algum “edit” publicado em redes sociais nos últimos anos, você está imerso no fenômeno que tem impactado a geração de jovens e adultos que consomem esse tipo de conteúdo. Isso acontece, pois gera-se a necessidade de consumir informações de forma rápida, na atualidade, e esses vídeos curtos despertam a vontade de conferir a obra original.

Os dispositivos eletrônicos, repletos de conteúdo, tornaram-se extensões do corpo humano, integrados tão profundamente no cotidiano, que constantemente buscamos algo que torne a rotina mais empolgante. Plataformas como TikTok, Instagram e Twitter, conhecidas por sua entrega rápida de conteúdo, cultivaram um público ávido por consumir mídias breves e diretas, numa busca psicológica por economia de tempo. Para se manter relevante nesse cenário de imediatismo, a indústria cultural e de entretenimento teve que se adaptar, moldou suas estratégias para encaixar-se nesse novo formato de consumo. Camila Delgado, explicou como essa nova ferramenta a conquistou. “Os edits sempre despertam nossa



INCENTIVO: A ligação entre as mídias e a indústria audiovisual

curiosidade e são incrivelmente atraentes. Sempre que vejo um corte editado de um filme, fico curiosa e acabo procurando pelo filme completo para assistir”, comentou.

Marcas e criadores de conteúdo, reconheceram essa tendência e passaram a produzir comerciais e vídeos que se alinham à linguagem rápida das redes sociais, atraindo audiências de todas as idades. Os edits se destacam por compilar momentos marcantes ou cenas com

personagens carismáticos, ao som de músicas virais ou de batidas envolventes, tudo isso mesclado a efeitos visuais que acompanham o ritmo da trilha.

À medida que se explora esse fenômeno, torna-se evidente a importância de entender as implicações dessa mudança tanto para consumidores quanto para criadores de conteúdo, delineando um novo capítulo na história da mídia e do entretenimento.

Phillipe Leão, professor de cinema

e crítico associado à Abraccine, ao ser questionado se vídeos curtos podem impactar a forma como consumimos o audiovisual, respondeu: “Sim, e já vem mudando inclusive. A estética do TikTok, caracterizada por um fluxo contínuo de conteúdo que gera uma “estética de ansiedade”, está influenciando a maneira como consumimos mídia, promovendo um espectador ansioso que busca constante hiper estímulo”. Essa necessidade de estímulo contínuo, onde o conteúdo atual é menos importante do que a expectativa pelo próximo, está se refletindo na produção cinematográfica.

Edits são atraentes e despertam a curiosidade.”

(Camila Delgado)

REPORTAGEM:
STEPHANIE SILVA
LUMA FAUSTINO

DIAGRAMAÇÃO:
STEPHANIE SILVA

VOCÊ JÁ SE RENDEU AO FENÔMENO EDIT?

O QUE É?

Um edit é um vídeo curto criado a partir da compilação de cenas ou momentos marcantes de produções audiovisuais, como filmes, séries ou vídeos, frequentemente acompanhado de músicas virais ou batidas

envolventes. Esses vídeos são enriquecidos com efeitos visuais e edições que realçam a narrativa ou a estética das cenas selecionadas, criando uma experiência nova e atraente para o espectador.

Dependência digital: hora de um detox

Diante dos efeitos do vício, pausa garante saúde para além das telas

Diante de uma realidade onde o uso de redes sociais é praticamente indispensável, os usuários vêm notando as consequências da utilização excessiva dos meios eletrônicos. Em vista do crescente número de pessoas que têm apresentado diversos problemas de saúde, desenvolvimento e relacionamento, o detox digital é cada vez mais praticado por jovens e adultos que buscam se distanciar desse vício. O detox não é apenas o distanciamento das redes, mas também um período de redescobrimto do usuário consigo mesmo e com o cenário fora da internet.

Você fica ansioso longe do seu celular? Em uma mesa com os amigos não consegue ficar sem dar uma olhada na tela? Fica mais horas do que gostaria preso nas redes sociais? Se algumas dessas situações representam a sua realidade, talvez você esteja dependente da internet.

É uma condição que afeta a saúde e os relacionamentos interpessoais. Quanto mais as pessoas se aproximam das redes sociais, mais elas se afastam de se comunicar pessoalmente e manter um contato físico. O lado positivo é aproximar amigos e familiares que moram longe, mas ao mesmo tempo distancia pessoas que estão próximas. A psicóloga Dórica Menezes explicou como o vício digital pode gerar danos: "Eles não têm estratégias para

chegar até aquela pessoa, para conversar, para ouvir, para ser empático. E tudo isso vai prejudicar. Isso prejudica na relação na família, na relação com os amigos, nas relações como um todo."

Uma pesquisa realizada no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro indica que 34% das pessoas desenvolvem ansiedade longe dos celulares e 54% admitem se sentir mal quando não estão com o aparelho. O vício no celular é real, o nome da doença é nomofobia, quem vem da expressão no mobile phobia (medo de ficar sem telefone celular, em português). O problema fica complicado quando as pessoas não admitem que são viciadas e se recusam a procurar tratamento e se afastar das redes sociais. "Ele vai dizer que ele é dependente? Não. Porque quando ele diz, ele se sente inferior, ele se sente frágil, ele não quer isso pra ele", afirma dra. Menezes sobre o diagnóstico do vício.

Para os pequenos, a situação é igualmente preocupante, às vezes pior. É praticamente impossível uma criança viver alheia às telas no século XXI. E o uso constante dos aparelhos eletrônicos prejudica o desenvolvimento, afeta o crescimento e atrapalha no avanço das habilidades motoras e mentais. Aline Barbosa, mestra na área de educação, explicou a influência do

uso excessivo dos celulares no desenvolvimento infantil: "Isso é ultra, mega danoso para o processo cognitivo das crianças. Essas habilidades que elas precisam desenvolver, de comunicar, de socializar, de entender a si mesmo, de se autoconhecer. Não existe isso. Porque elas estão o tempo todo condicionadas a ver a vida do outro, a jogar e fazer outras coisas que não vão agregar para esse desenvolvimento delas".

Apesar de tantos efeitos colaterais, a nomofobia possui tratamento. O detox digital é um método que tem sido cada vez mais utilizado por pessoas que querem diminuir ou até se afastar completamente dos aparelhos viciantes. O detox é simples de ser realizado, e o tempo do afastamento é relativo. O usuário pode iniciar com poucos dias e ir aumentando gradativamente, até se sentir confortável sem estar o tempo todo conectado. O tempo de uso dos aplicativos pode ser configurado no próprio aparelho, é possível alterar a qualquer momento. O começo do processo pode ser difícil, mas o resultado compensa, e todas as pessoas que já praticaram relatam um retorno positivo. Um dos diversos pontos positivos do afastamento das redes é ganhar mais tempo para realizar coisas importantes que antes eram negligenciadas pela internet. "Eu gastava muito mais tempo fazendo as



FOTO: LUIZA GRISANTE

PRISÃO: Sem limite de uso, celular prejudica os relacionamentos

coisas que eu deveria fazer no dia a dia, mas que eu ficava adiando. Então quando eu comecei a cortar eu comecei a ser muito mais produtiva no meu dia a dia", afirma a estudante Julia Scheer que praticou o detox digital por um mês.

Com tantas pessoas ao redor ainda em contato com as redes sociais, pode parecer difícil se afastar, mas o detox é uma decisão que deve ser levada a sério e com determinação para que seja possível alcançar o objetivo com excelên-

cia. Aline Barbosa, que realizou o detox digital por 10 dias, compartilhou uma dica para quem deseja realizá-lo também: "A maior dica, e que mais funcionou comigo é você ajustar no seu próprio aparelho. Ir lá nos ajustes, nas configurações e reduzir o tempo".

REPORTAGEM
LUIZA CATTÓ VECHIES
LUIZA DE SÁ GRISANTE

DIAGRAMAÇÃO
LUIZA CATTÓ VECHIES

Profissionais regulamentam vídeos do TikTok

Conselho de Medicina orienta que produtores de conteúdos tenham registro para evitar autodiagnóstico

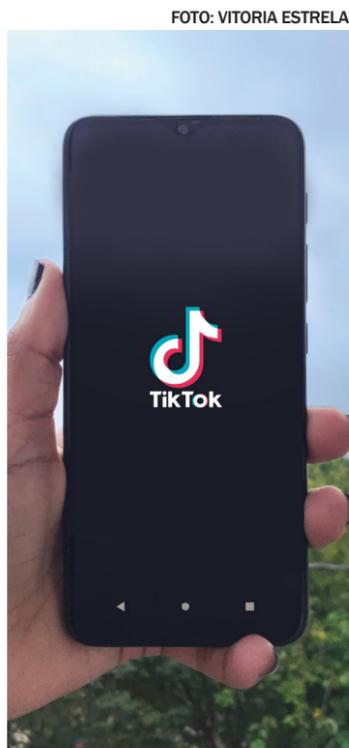


FOTO: VITORIA ESTRELA

TIKTOK: APLICATIVO É USADO POR PROFISSIONAIS DO BRASIL PARA CONQUISTAR CLIENTES NA INTERNET

A lista de profissionais que produzem conteúdo para o TikTok não tem fim. Médicos, psicólogos, advogados, cabeleireiros, tatuadores e muitos outros atraem clientes todos os dias com vídeos de rotina, dicas e curiosidades sobre a sua área. Mas é preciso estar atento às questões éticas da prática, já que alguns Conselhos de Classe profissional não aprovam todo o tipo de postagem.

A Resolução CFM n.º 2.336/2023, do Conselho Federal de Medicina, entrou em vigor em 11 de março de 2024. De acordo com a determinação, a publicidade médica é permitida em qualquer veículo de comunicação, desde que não tenha caráter sensacionalista ou de concorrência desleal. Além disso, é obrigatório ao clínico apresentar o número do CRM em seu perfil profissional e, em caso de especialista, expor também o Registro de Qualificação de Especialidade, o RQE.

A regularização da publicidade médica nas redes sociais, especialmente o TikTok, ajuda a evitar casos de au-

todiagnóstico e automedicação que podem surgir devido à forma como alguns especialistas compartilham os sintomas e os tratamentos das doenças. O Conselho Federal de Medicina veda atitudes como garantia de resultados a tratamentos, medicamentos e equipamentos; divulgação de método ou técnica não reconhecida e propaganda enganosa de qualquer natureza. "Eu falo sobre coisas genéricas, que atingem a maior parte da população, mas sempre aviso que precisa de uma avaliação para fazer um tratamento, até porque a gente não sabe quem é a pessoa que está vendo esse vídeo. Então tem que tomar muito cuidado com isso", alerta a nutróloga Larissa Attina (@dralarissaattina), que posta vídeos no TikTok desde 2023 e reforça a necessidade de saber diferenciar informação de orientação médica.

O autodiagnóstico dos internautas também é um problema na psicologia. Apesar de publicar vídeos sobre a sua profissão, o psicólogo Felipe Borges (@psifelipeborges) explica que isso deve ser feito com responsabilidade: "Muita gente chega no consultório com esses diagnósticos feitos de internet. 'Ah, eu tenho tal coisa', e quando você avalia isso, às vezes pode até ser (verdade), mas na maioria das vezes não é."

Pensando nas novas formas de divulgar o serviço à população, o

Conselho Federal de Psicologia (CFP) lançou, em 2022, uma nota técnica sobre como os psicólogos deveriam se portar nas plataformas online. O documento se assemelha à Resolução do CFM em muitos aspectos. É exigida a apresentação do número do registro profissional no perfil, assim como é reprovada a publicidade sensacionalista. No entanto, ao contrário da Resolução, o valor das consultas não pode ser usado como forma de propaganda, tampouco o uso de cupons promocionais e termos que façam referência à vantagem financeira do serviço prestado pelo psicólogo. "Para quem já está há bastante tempo na área, não é uma novidade, mas eu vejo como muito importante para quem está começando na internet ter um norte de até onde você pode ir", comenta Borges sobre a nota respaldada pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo (CEPP).

Fora do campo da saúde, outros conselhos, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), também possuem documentos parecidos com os mencionados. Esses órgãos oficiais são responsáveis por zelar pela integridade e pela disciplina das diversas profissões brasileiras, bem como fiscaliza casos de exercício ilegal. Para isso, além dos Conselhos Federais, ainda existem os Regionais, que atuam em cada estado do Brasil, com os mesmos objetivos.

Ainda que o Conselho Nacional

dos Profissionais da Beleza (CNPB) não limite os assuntos abordados no TikTok, a cabeleireira Eleni Rodrigues (@EleniRodrigues) afirma que não se dobra ao que viraliza no nicho, pois isso vai contra a sua ética e o que aprendeu na pós-graduação em tricologia. Ela desaprova perfis que prometem fórmulas mágicas para manter os cabelos bonitos, sem levar em conta a individualidade e a acessibilidade de cada um, e afirma que o seu conteúdo é, sobretudo, educativo, diferente de alguns cabeleireiros que expõem os seus clientes de maneira humilhante. "Eu não gosto de colocar a pessoa que chegou lá como a pobre coitada e 'agora eu te dei o glamour que você precisa'. Não quero transformar os meus clientes em produto", declara a tricologista.

O algoritmo do TikTok exige a publicação constante de vídeos para que estes sejam entregues para mais pessoas. "Às vezes a gente já pede autorização do cliente para filmar o que estamos fazendo." conta a tatuadora Bruna Ballariny (@Bruba), cuja inspiração para criar conteúdo é buscada durante as suas tatuagens. "Já virou quase uma obrigação da nossa profissão estar sempre registrando cada passo."

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO
VITORIA ESTRELA

Trabalho artístico na infância pode prejudicar desenvolvimento da criança

ILUSTRAÇÃO: VITÓRIA ROSENDO

Participação de menores de 16 anos em atividades artísticas profissionais necessita de autorização judicial

No Brasil, o trabalho de crianças e adolescentes menores de 16 anos é proibido. Conforme previsto pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), entidade vinculada à ONU, a limitação da idade para o trabalho busca assegurar que a criança e o adolescente, além de dedicarem-se aos estudos, possam desenvolver de maneira saudável todas as suas capacidades e habilidades. Mas na legislação brasileira existem exceções que permitem o ingresso de menores de idade em atividades profissionais, com autorização judicial, como é o caso da participação de crianças e adolescentes em trabalhos cujo enfoque seja de natureza artística.

A modelo Maria Antonella, por exemplo, 7 anos, nascida em Maragogi, Alagoas, venceu o concurso Mini Miss Brasil 2024. A premiação ocorreu em Porto Alegre e, para custear os gastos com a viagem, a família iniciou um trabalho com a venda de doces e comidas. “Ela ia de porta em porta e entregava comigo feijoadas. Pegava os pedidos e anotava numa listinha. E assim fomos arrecadando fundos para participar do concurso Mini Miss Brasil” conta Izaires Oscar, mãe de Maria Antonella. Apesar

de não ter arrecadado o suficiente, a família contou com apoio de patrocinadores para arcar com os custos.

Antonella iniciou a carreira com postagens e vídeos para o Instagram e depois pediu para a mãe inscrevê-la numa agência. “Ela me perguntava qual era a postura ideal e eu sempre incentivando. É como o pessoal daqui fala: ‘Maria Antonella é minha boneca, eu estou me realizando através dela.’” relata Izaires. Com persistência, Antonella ganhou seu primeiro concurso estadual, o Miss Alagoas, e em seguida a faixa nacional.

De acordo com a neuropsicóloga especialista em comportamento infantil, Camila Santos, o trabalho artístico pode fazer mal à criança. “Quando a criança é exposta a situações que não condizem com a etapa do desenvolvimento em que se encontra, ela poderá mostrar alguma dificuldade em exercer tal atividade e estará antecipando uma etapa do desenvolvimento infantil”, explica.

Mas Santos também cita que este tipo de atividade, quando exercida de forma saudável, é capaz de gerar impactos positivos. “A criança que atua no meio artístico terá uma desenvoltura melhor para lidar com



PEQUENA MISS: Especialista indica que é necessário equilíbrio entre sonhos e saúde das crianças

situações, saber lidar melhor com cobranças, entender que tem responsabilidades e muitas vezes saber lidar melhor com situações de tomada de decisão”, completa a especialista.

Com o avanço da tecnologia e a exposição precoce de crianças e adolescentes a celulares, tablets e aparelhos digitais, o acesso à informação se mostra cada vez mais uma possibilidade de gerar milhões de lucrativas interações no ambiente digital. Outro exemplo, é Maya Cenen, uma criança de 8 anos que atua como influenciadora digital e começou a demonstrar interesse pelo meio artístico muito cedo. Aos 6 anos de idade, a mãe dela, Nay Amaral, a matriculou num curso de televisão e cinema.

Em seguida, Maya foi inscrita numa agência de publicidade e começaram a surgir oportunidades na área que impactaram a vida profissional da mãe. “Com esse caminho dela, muita coisa e eu acabei saindo do meu trabalho, para viver em função dela, da rotina dela” relata Amaral, mãe e assessora de Maya.

Mas apesar de trazer benefícios e oportunidades de trabalhos digitais, as redes sociais também podem ser maléficas ao usuário, mais ainda, quando o internauta possui menos de 18 anos. Esta é uma fase onde o sistema cognitivo ainda está em desenvolvimento. “Os comentários sou eu que respondo, eu leio para ela uma coisa ou outra, mas assim, ela dificilmente sabe o que está

sendo falado ali porque ela não acessa. Para diminuir os traumas a criança tem que estar ciente e sabendo o que está acontecendo, por mais que ela não tenha acesso.” diz Amaral.

Por vezes, crianças são submetidas a uma rotina diária de trabalho considerada cansativa e prejudicial ao seu desenvolvimento. “É importante que se tenha um olhar de perto em relação à saúde mental da criança e dos pais, para que isso não afete a relação da família e nem aconteça uma cobrança excessiva de ambos os lados” completa a neuropsicóloga.

REPORTAGEM:
VITÓRIA ROSENDO

DIAGRAMAÇÃO:
VITÓRIA ROSENDO

Qual é a nova ‘onda’ das mídias sociais que virou lei?

Abordagem da parentalidade conquistou pais, psicólogos e educadores

FOTO: LEONARDO DIAS



PARENTALIDADE POSITIVA: Lei prevê contato com a natureza

Nos últimos anos, um movimento de pais, que resolveram quebrar com as tradições e convenções de como uma criança é criada, tem se espalhado pelo Brasil. A chamada ‘parentalidade positiva’ costuma abordar hábitos como se esforçar para entender os sentimentos dos pequenos, buscar informações em livros, palestras e consultas com profissionais da área, entre outros. A proposta vem sendo defendida nas redes sociais, é lei desde março de 2024 e apresenta vantagens mas também erros em sua aplicação.

Especialistas em parentalidade

identificam três formas de abordar a criação das crianças: a permissividade, onde os pais evitam ao máximo brigar com os filhos e negar as coisas para eles; a rigidez, que vai na contramão, e se assemelha ao modelo mais tradicional de criação, onde os pais educam de forma impositiva e, muitas vezes, impõem, à força, que os filhotes respeitem. Embora sejam dois extremos, as duas formas tem como base um modelo de punição e recompensa, que mostra ao cérebro infantil como agir, mas às vezes não o ensina o motivo de estar agindo desta forma.

A terceira abordagem seria a pa-

rentalidade positiva, em que as crianças devem ser criadas com base no acolhimento, exemplo e respeito, com certo nível de autonomia que couber à sua idade. “É uma atualização do educar com muita ciência envolvida”, explica a educadora Paula Carvalho, especializada no assunto e dona do perfil Educação Positiva na Prática.

O objetivo é que as crianças tenham autoconsciência emocional, senso de pertencimento e participação ativa na família, com os responsáveis guiando as ações das crianças, que descobrem o mundo pela própria percepção, no tempo devido. É o que busca também a Lei 14.826/24, sancionada, no dia 21 de março, que determina obrigatório aos pais, ao Estado e à sociedade garantir a parentalidade positiva e o direito de brincar às crianças menores de 12 anos. Ainda de acordo com a lei, a parentalidade ou educação positiva tem como base seis pontos principais: manutenção da vida, apoio emocional, estrutura, estimulação, supervisão e educação lúdica não-violenta.

A legislação define ainda como fundamentais, para as crianças, os seguintes aspectos: brincar livre de intimidação ou discriminação; relacionar-se com a natureza; crescer em seu local de origem e conviver com ele;

receber estímulos parentais lúdicos adequados à sua condição de pessoa em desenvolvimento. Carvalho destaca que esse último ponto é muito importante, já que é comum esperar das crianças algo que seu desenvolvimento neurológico ainda não pode entregar: “É nítido o quanto a gente está adultizando as nossas crianças.”

O empresário Paulo Sérgio, pai de dois filhos, diz que, muitas vezes, apANHOU dos pais quando criança, mas que isso nunca o fez aprender. Por isso, decidiu seguir uma linha diferen-

te com seus filhos: “uma boa conversa, um acompanhamento e participar da vida do filho é bem melhor.” Apesar disso, a psicóloga alerta que a aplicação da parentalidade positiva precisa de cuidados específicos para evitar erros, como por exemplo, analisar o comportamento da criança pela visão de adultos. “Educação positiva é olhar a perspectiva da criança”, completa.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
LEONARDO DIAS
ANDRÉ PAULON

A ORIGEM DO MOVIMENTO

Popularização começou na Inglaterra

A autora britânica Sarah Ockwell-Smith é comumente mencionada como a pioneira do movimento de educação positiva. Seu livro, publicado em 2016, “The Gentle Parenting Book” (“O livro da parentalidade gentil”, em tradução livre), é creditado como um marco desse

crescimento recente. Ockwell-Smith também publicou outros livros que orientam a abordagem de momentos específicos na criação dos filhos, de acordo com o seu método, como “The Gentle Eating Book” (“O livro da alimentação gentil”, em tradução livre).

Crescimento imobiliário contribui com casos de dengue na cidade de São Paulo

Especialistas em arboviroses explicam a relação entre o alto número de casos da doença com o constante crescimento populacional dos bairros

FOTOS: LAVÍNIA CAPARROZ



SAÚDE: Unidade Básica de Saúde da Vila Mariana faz campanha contra a dengue; novas construções e projetos inacabados são focos do mosquito transmissor

O bairro Campo Limpo, localizado na zona Sul da cidade de São Paulo, destaca-se não apenas como líder na venda de apartamentos novos e antigos, mas também como um dos epicentros dos casos de dengue, no ano de 2024. Especialistas em arboviroses, apontam uma preocupante correlação entre o vertiginoso crescimento imobiliário e o aumento periódico dos criadouros do mosquito *Aedes aegypti*, transmissor do vírus.

Jorge Tibiletti de Lara, historiador e pesquisador da Fiocruz, concorda que a expansão urbana é um fator determinante para a proliferação do mosquito: “O *Aedes aegypti* não é um mosquito florestal; ele se adaptou aos hábitos humanos. Onde houver concentração humana, ele estará presente.” Lara enfatiza também que o descarte inadequado de resíduos propicia condições ideais para a proliferação do vetor. “As novas construções têm relação direta com os focos do mosquito. Projetos abandonados frequentemente se tornam criadouros”, afirma.

O Levantamento de Índice Rápido do *Aedes aegypti* (LIRA's) identificou os lugares mais propícios para o desenvolvimento do mosquito transmissor. Nessa pesquisa, itens presentes em obras são destacados como elementos críticos. Em primeiro lugar, ficaram os materiais de obra depositados de forma irresponsável; em segundo, com 23%, estão os tanques de obras; em seguida, também com 23%, aparecem objetos como tonéis, tambores, barris, depósitos de barro e cisternas. Já os lixos, sucatas em pátios e entulhos de construção ocupam a quarta posição do levantamento, com 12%; e os depósitos de alvenarias e tambores são 9%, ocupando o quinto lugar dos focos do mosquito.

O bairro do Campo Limpo, por exemplo, além de ser um dos mais

afetados pela dengue, no ano de 2024, ocupou o terceiro lugar no ranking de vendas de apartamentos pequenos em 2023, conforme o Ranking da Demanda Imobiliária, produzido pelo Grupo Loft, com dados da Prefeitura de São Paulo.

João Guilherme Ferreira, encarregado administrativo de uma obra em Alphaville, destaca o papel dos departamentos de meio ambiente das construtoras: “Toda construtora de grande porte possui um departamento de meio ambiente, que geralmente visita a obra a cada dois dias. Quando há um surto de dengue, eles ficam mais incisivos, passando orientações sobre como evitar o acúmulo de água e fiscalizando bastante essa questão”.

Mas o maior problema são as propriedades abandonadas, tanto em desenvolvimento quanto finalizadas, que não possuem fiscalização, e facilmente se transformam em um fator de risco para a sociedade. Conforme o censo de 2022, na capital paulistana há 588.978 domicílios negligenciados.

“O ser humano vai sempre avançar novos ecossistemas e com isso gerar novas configurações de doenças”

(Jorge Tibete de Lara, cientista)

Sem permissão imediata para adentrar imóveis privados desocupados, os agentes de combate a endemias não conseguem trabalhar com total eficácia. Dessa forma, muitas moradias e projetos inacabados podem estar servindo de berço para mosquitos transmissores. “Os prédios em construção, depois de chuvas, formam muitos focos de dengue, em qualquer lugar da obra” ressalta um mestre de obras que preferiu não ser identificado.

Uma das medidas tomadas para que isso não ocorra é realizar a drenagem da água parada, por meio da perfuração da laje e captação pluvial. De acordo com Ferreira, “calhas para coleta da água de chuva, em reservatórios, são instaladas nas construções. A gente acaba usando essa água principalmente para lavagem de pneus de caminhões”.

Combate à dengue

Entre as ações necessárias para o combate à dengue, Lara reconhece a vacina como um dos principais elementos, mas adverte que ela não deve ser vista como a principal forma de combate. “O cuidado com a prevenção é essencial. Estratégias focadas no vetor fazem com que a gente consiga controlar um pouco a doença”.

De acordo com o doutor e professor Marcelo Burattini, há uma alternativa promissora: “Existe a possibilidade de uma infecção do vetor com uma bactéria que não mata o mosquito, mas impede a reprodução do mosquito que tem dengue. Então ele é um auxílio importante. Isso já foi feito na Austrália, aqui no Brasil, no Rio de Janeiro, no interior de São Paulo, algumas pesquisas mostram que aparentemente isso é bastante efetivo”.

A *Wolbachia* é uma bactéria presente na maioria dos insetos (cerca de 60%), como abelhas e borboletas,

mas não é naturalmente encontrada no *Aedes aegypti*. Quando implantada no mosquito, ela tem a capacidade de fazer com que o inseto não transmita dengue, zika e chikungunya, mesmo que o vírus esteja em seu organismo.

Mais recentemente, pesquisadores mostraram que ela também inibe a transmissão de febre amarela. “Essa ainda não é uma medida de saúde pública. Então as medidas de saúde pública de controle do vetor são o combate às coleções de água parada, o fornecimento de esclarecimento sobre o fechamento de caixas d'água pelo governo, e ocasionalmente o uso de inseticidas químicos, no que a gente chama de grandes criadouros” afirma Burattini.

“A dengue sempre matou, sempre causou morbidade em muitas, muitas pessoas”

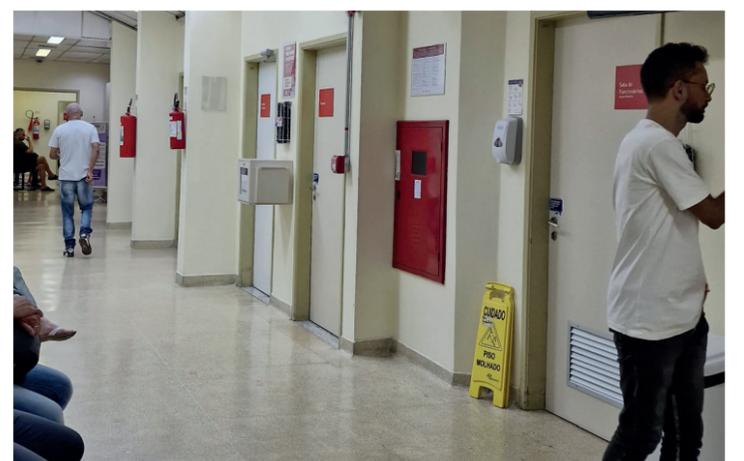
(Jorge Tibete de Lara, cientista)

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
LORENA TREVISAN
HELOIZE IZZO
LAVÍNIA CAPARROZ

SAÚDE

Sintomas da dengue

- Febre alta e repentina
- Dor de cabeça intensa
- Dor muscular e nas articulações
- Fadiga
- Náuseas e vômitos
- Sangramento pelo nariz ou nas gengivas



SAÚDE: Centro de Referência e Treinamento da Vila Mariana

Especialistas denunciam relação entre crise climática e problemas de saúde

Poluição do ar gera aumento em atendimentos por doenças respiratórias

FOTO: NICOLY RODRIGUES

Doenças relacionadas à poluição provocam a morte de 80 mil brasileiros por ano. É o que mostra um estudo da IQAir, empresa suíça especializada em qualidade do ar. De acordo com a pesquisa, em todo o mundo, esse número chega a sete milhões. Devido a urgência e a gravidade dos desafios de saúde pública relacionados ao calor e à poluição, Evangelina Vormittag, médica e especialista em sustentabilidade, fundou o “Instituto Ar”.

A organização surgiu com o objetivo de abordar as questões de saúde ligadas à poluição do ar e às mudanças climáticas e engajar a classe médica na conquista de um ar limpo, pela saúde de todos. A equipe do Instituto se dedica à democratização do conhecimento técnico para o público em geral e gestores públicos, conduz pesquisas científicas e desempenha um papel ativo na formulação de políticas públicas ambientais.

Evangelina fala sobre a dificuldade que enfrenta em seu trabalho e explica que no Brasil há uma lei que exige que todos

os estados brasileiros façam monitoramento da qualidade do ar, porém apenas 11 estados cumprem o exigido. Segundo a médica, isso é grave, pois coloca a saúde da população em perigo.

“Nosso trabalho possui muitos desafios ligados à política brasileira e atualmente trabalhamos juntamente com o governo para conseguir a aprovação da lei que pretende padronizar os números aceitáveis da concentração de poluentes na atmosfera para garantir a qualidade do ar e a saúde da população”, esclarece a médica.

A Secretaria da Saúde de São Paulo revelou um dado preocupante: nos sete primeiros meses de 2023, houve um salto de 102,5% nos atendimentos ambulatoriais e internações relacionadas à exposição ao calor, comparado a 2022. Os números falam por si só: 312 casos naquele ano, contra 154 no mesmo período do ano anterior.

Há décadas, ambientalistas de todo o mundo alertam que se



CUIDADOS: Sem alternativas, cidadãos se protegem com lenço e guarda-chuva

não colocarmos o “pé no freio”, os desastres ambientais do planeta serão irreversíveis. Logo, isso resultará em gerações com a saúde cada vez mais prejudicada. Evangelina conclui que há certa relutância em combater estes problemas. “Tanto a poluição do

ar quanto a mudança do clima é negligenciada no Brasil, e existem diversas formas de diminuir os gases poluentes. Mas o país não faz de maneira correta e não cumpre uma série de determinações da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas

para a melhoria da qualidade do ar”.

REPORTAGEM
FLAVIANE SOFIATTI
NICOLY DOS SANTOS

DIAGRAMAÇÃO:
CAMILLE FAGUNDES

Hospital São Paulo diminui atendimentos de emergência e sobrecarrega UPA Vila Mariana

Poluição gera aumento de casos relacionados a doenças respiratórias

REPRODUÇÃO: CAMILA BRASILINO



AVISO AOS PACIENTES: Faixa exposta no pronto-socorro do Hospital São Paulo

A UPA Vila Mariana enfrenta superlotação desde o início da reforma do pronto-socorro do Hospital São Paulo. As obras começaram em maio de 2022, com previsão de conclusão em quatro

meses, mas a ala de emergência está fechada há dois anos. Com isso, a única unidade pública de pronto atendimento da região tem enfrentado inúmeras dificuldades, incluindo atrasos no atendimento

à população, escassez de leitos e medicamentos.

A unidade oferece atendimento público emergencial em diversas especialidades, mas com a reforma, os serviços não estão sendo

Pacientes aguardam mais de seis horas para serem atendidos

prestados de maneira eficiente. Um exemplo disso é o caso de Dona Maru, de 66 anos, que aguardou por mais de seis horas o resultado dos exames de urina realizados na UPA.

Pacientes aguardam mais de seis horas para serem atendidos. Silmara estava no local há mais de 24h acompanhando a mãe, Dona Ivana, de 56 anos. “A gente tá aqui desde ontem, às sete horas da noite. Ela só foi atendida de madrugada. Quando a gente chegou aqui, já tinha gente desde às sete horas da manhã. Idoso, sem ser atendido.”, relata a filha.

Outra paciente, Dona Terezinha, de 82 anos, relata que antes do marido morrer, ele havia esperado horas por atendimento na UPA: “Ele ficou o dia inteiro lá na maca, chegou a vir até com marca nas costas [...] Sabe, demora demais pra te atender”. Para ela, a

unidade atende os pacientes com uma qualidade inferior, comparada ao pronto-socorro do Hospital.

Silmara também destacou outros casos ocorridos na UPA. “Tem uma criança lá dentro de 12 anos que ele tá desde as quatro horas da tarde de ontem sem comer, porque ele bateu a cabeça. Conseguiram uma tomografia para esse menino em outro hospital. Porém, não tem ambulância pra levar daqui pra lá [...]”, menciona ela. A UPA Vila Mariana possui 3 ambulâncias para realizar o deslocamento dos pacientes.

Em nota, a assessoria de imprensa do Hospital São Paulo informou que a reforma do pronto-socorro teve de ser estendida devido aos problemas estruturais que não estavam previstos no projeto inicial. A empreiteira responsável pela execução da obra está redefinindo o cronograma de entrega do pronto-socorro do HSP.

Um esclarecimento da Secretaria Municipal de Saúde foi solicitado pelo FAPCOMUNICA, mas até o momento da publicação, não houve resposta.

REPORTAGEM:
BIANKA SANTOS
CAMILA BRASILINO
KAMILLE NERIS

DIAGRAMAÇÃO:
CAMILLE FAGUNDES

Amazônia pode acabar em até 25 anos

Estudos mostram desmatamento irreversível até 2050; queimadas devem impactar na temperatura global e na mudança das estações do ano

A Amazônia pode estar se aproximando de um ponto crítico de degradação irreversível até 2050. É a conclusão da revista científica "Nature" que, liderada por pesquisadores brasileiros, explorou a situação da floresta. O estudo ainda alerta que cerca de 10% a 47% da mata sofreria com grandes ameaças capazes de desencadear o colapso florestal local ou até mesmo de todo o bioma.

Em fevereiro de 2024, a pesquisa apontou a importância da Amazônia, responsável por armazenar uma quantidade equivalente a 15-20 anos de emissões globais de CO₂. Se liberadas na atmosfera, as emissões afetariam diretamente a temperatura global. Segundo o pesquisador Theotônio Pauliquevis, doutor em Física pela USP, o desmatamento na floresta mudaria completamente a vida tanto em Brasil como no planeta: "Se a gente desmatar a Amazônia, toda, 100%, a

de água na atmosfera de toda a América do Sul. Pauliquevis explica como as mudanças climáticas podem ameaçar a condição natural de umidade da região: "Se o clima global implica em deslocar a média de fluxo do ar alguns graus para cima, o deslocamento do ar se altera e assim a Amazônia seca, devido à falta de umidade necessária para vida natural da região".

As principais causas que danificam o ciclo de vida das florestas são fatores impactantes como o desmatamento, o aquecimento global, as queimadas e estações de seca. De maneira clara, se toda a floresta é queimada, a temperatura global aumenta descontroladamente. A conscientização sobre esse problema transcende anos de luta contra altas taxas de desmatamento. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o INPE, nota-se que a região amazônica sempre esteve com oscilações em seus dados, entretanto, observa-se que no início dos anos 2000, as taxas de desmatamento naquela região cresciam exponencialmente. Esse fato desencadeou a criação do Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal (PPCDAm). O objetivo é reduzir ou até mesmo paralisar o desmatamento.

A doutora em física aplicada pela USP e pesquisadora Márcia Akemi destaca a importância do projeto: "Foi um plano de ação para prevenção e controle do desmatamento na Amazônia Legal, com o objetivo de reduzir e com o passar do tempo, quem sabe até zerar o desmatamento e as queimadas lá". Akemi acrescenta que mudança de governos pode acarretar uma variação nas taxas de desmatamento e os efeitos podem ser sentidos em todo o país. A pesquisadora lembra que, em 2019, nuvens de fumaça preta atingiram o estado de São Paulo: "Devido ao transporte de massas de ar da atmosfera, tivemos a presença de uma fumaça preta que veio diretamente das

queimadas em 2019".

A partir da metade do século XX, o avanço do desmatamento em biomas brasileiros se intensificou com o aumento de áreas urbanas e com a expansão da fronteira agrícola para regiões do Cerrado e Amazônia. O Cerrado, em específico, é uma região rica em biodiversidade que ocupa 1/4 do território brasileiro, desempenha atividades de extrema importância para a biodiversidade e, ao mesmo tempo, se torna fundamental para o desenvolvimento da economia no Brasil. Até mesmo a agropecuária precisa da biodiversidade, segundo Akemi: "os principais polinizadores estão presentes dentro da fauna local, e com o aumento do desmatamento, esses animais irão sumindo gradativamente, interferindo no ecossistema da região e também no potencial de produção agrícola".

Na região Centro-Oeste do Brasil, ao mesmo tempo em que se tenta preservar a biodiversidade, há um impacto direto no bioma devido à agropecuária, em razão da contaminação das águas, do uso indiscriminado de agrotóxicos e da pecuária extensiva de baixa tecnologia. A pesquisadora mostra que existe uma possibilidade para o crescimento da economia, mesmo com a diminuição do desmatamento de áreas ainda preservadas: "Se você juntar ciência e tecnologia na mesma área, você consegue produzir muito mais do que se produz hoje, mesmo na área já desmatada, se for feito um manejo adequado, aquele lugar pode ser mais produtivo".

Outra região que também pode estar ameaçada é a Mata Atlântica, que se estende do litoral do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul e, atualmente, tem apenas 12,4% da floresta original. Os pontos principais para essa taxa derivam do modelo ultrapassado de desenvolvimento que causou desmatamentos sucessivos, enquanto existia a industrialização e a urbanização desordenada da região.

Tanto Akemi quanto Pauliquevis sugerem que o ponto de maior atenção da Mata Atlântica é o fato dela desaparecer com o passar do tempo. O entorno da região deve ser preservado de maneira que não impacte o restante do bioma. Para a pesquisadora, "a Mata Atlântica deveria estar em toda costa, mas a maior parte está no sul do estado de São Paulo, em uma região que tem muitas cavernas." Segundo ela, existem tipos de faunas específicas que só sobrevivem devido às preservações no entorno da caverna. Pauliquevis acrescenta que "o sistema já está alterado e o risco que ele corre

é de desaparecer, porque ele já sofreu muita modificação. Com respeito ao clima, é difícil a gente saber como era antes de ser removida". E ele reforça: "A importância da Mata Atlântica está na biodiversidade dela, ela tem mais biodiversidade por hectare que a Amazônia [...], sem a biodiversidade vamos ter rupturas sérias no ecossistema global."

REPORTAGEM
DIOGO MORAES E
GIOVANNA MARQUES

DIAGRAMAÇÃO:
GIOVANNA MARQUES

FOTO: GIOVANNA MARQUES



REALIDADE: Árvore derrubada na zona sul de São Paulo

FOTO: GIOVANNA MARQUES

“Existe uma possibilidade de ser até antes desse ponto de não retorno”

Márcia Akemi,
Professora USP

gente inexoravelmente altera o clima global”.

Além de ter uma reserva natural de carbono que contribui para o planeta, a floresta também tem características naturais muito importantes, como riqueza em biodiversidade, regulação climática e ciclo hidrológico. A pesquisa também revela a contribuição desse bioma para a umidade do ar: até 50% das chuvas na região são cruciais para o suprimento de vapor



BIOMA: Unidade de conservação da Mata Atlântica é alternativa para garantir biodiversidade

MEIO AMBIENTE

Saiba mais sobre o INPE

O INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) é uma unidade de pesquisa que implica em várias questões sociais. Responsável por desenvolver pesquisas e exploração espacial, o instituto também monitora queimadas e desmatamento, assim como a expansão da agricultura e agropecuária. Ademais, disponibiliza serviços interativos com informações sobre as taxas

de desmatamento (PRODES), avisos de alterações de cobertura florestal (DETER) e visualização de focos de queimadas (CAR). Através do INPE é possível observar toda a monitoração e operação de dados que é feita não só na Amazônia, mas também em regiões como a do Cerrado e em outros biomas brasileiros. Para mais informações, acesse os gráficos no site: <https://www.gov.br/inpe/t-br>.

Paraisópolis e Morumbi: a cor da pele e quem sofre com as mudanças climáticas

Entenda o que é o racismo ambiental, sua presença na cidade de São Paulo e de que forma a educação climática é fundamental para combatê-lo

FOTO: GISELE FARIAS

A discriminação racial na formulação de políticas ambientais, a marginalização e a vulnerabilidade de comunidades negras diante da crise climática são exemplos do racismo ambiental. Segundo a ativista ambiental Jahzara Oná, a educação climática é uma ferramenta importante nesse combate: “[...] eu acredito que essa é uma chavinha, uma forma de plantar uma semente, sabe? De jovem para jovem, de fazer algum tipo de mudança, então eu acredito muito nessa potente educação”, conta ela.

Paraisópolis, a segunda maior favela do estado de São Paulo e a quinta maior do Brasil, está localizada ao lado do Morumbi, um dos bairros mais nobres e ricos da capital paulista. Apesar da proximidade geográfica, os moradores são afetados de forma desigual pela crise climática, como eventos extremos, falta de acesso a serviços básicos, como água potável e saneamento, estrutura urbana e condições de moradia digna.

Segundo pesquisa do Instituto Favela Díz, realizada em julho de 2022, 67,5% dos moradores de Paraisópolis se declara pardo ou preto. Os dados do Censo do IBGE de 2024 mostram que pessoas negras e indígenas são os grupos sociais com menos acesso ao saneamento básico no Brasil. Além desse, outros problemas demonstram o racismo ambiental que atinge a população também na cidade de São Paulo.



SEGUNDO PLANO: Apesar da proximidade com bairro nobre, Paraisópolis sofre com a ausência de políticas públicas; discriminação afeta as minorias

Maria Olegário, de 19 anos e estudante universitária da USP, está entre os 100 mil moradores de Paraisópolis. Ela fala sobre a dificuldade no acesso a áreas arborizadas, essenciais para a garantia da qualidade do ar, equilíbrio do clima e saúde da população: “Não tem muito acesso. O pessoal prefere ir mais para fora, como o Parque do Povo, o Parque Ibirapuera. Aqui mesmo não tem muito lugar com rela-

ção à natureza, no caso. Então, se as pessoas quiserem mesmo, vão ter que ir para fora.”, explica a moradora.

A faixa média de idade ao morrer dos habitantes de Paraisópolis é de 63,55 anos, uma década de vida a menos comparado aos moradores do Morumbi, onde a expectativa de vida chega aos 73,48 anos, segundo os indicadores de 2018 do Mapa da Desigualdade da Rede Nossa São Paulo. “Esse é realmente um reflexo muito claro do racismo ambiental, sabe? Porque as pessoas que vivem na periferia têm uma média de vida muito menor.”, comenta Jahzara.

Em 2020, chuvas fortes atingiram Paraisópolis e causaram o transbordamento do córrego Antonico. No início de janeiro, o governo de São Paulo iniciou a ação de combate às enchentes na Zona Sul da capital e a construção de reservatório subterrâneo de águas e canalização de parte do córrego, porém, teve a sua previsão de término adiada para 2026. Maria conta sobre a situação. “Houve casos aqui na rua que eu moro atualmente, onde a gente chama de caixa baixa, tem um esgoto a céu aberto ali. Sempre que chove



APELO: Em mensagem, moradores pedem para “não jogar lixo neste local”

fica cheio de água no chão do esgoto e já teve casos antigamente. Eu acho que choveu tanto uma vez que até desabou algumas casas.”

EDUCAÇÃO CLIMÁTICA

Segundo a Unesco, apenas metade dos currículos educacionais de cem países pesquisados faz menção às mudanças climáticas e somente 40% dos professores sentem confiança para ensinar sobre o tema.

Desde 1999, existe a obrigatoriedade de inserir conteúdos pedagógicos relacionados à sustentabilidade no Brasil, exigida pela Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). Entretanto, ainda há uma dificuldade em aproximar a crise climática

dessa grade.

A ativista Jahzara faz parte do Instituto “Perifa sustentável”, que atua pela democratização da pauta climática nas periferias, comunidades, favelas. O Instituto possui um projeto de educação para combater as mudanças climáticas nesses espaços e contextos. “É trazer essas linguagens numa forma que é a realidade daquela pessoa, ela se enquadre entendendo aquilo. Eu realizo muitas ações em escolas”, comenta.

REPORTAGEM:
GISELE LEITÃO FARIAS
ALICE OLIVEIRA LOPES
LUANA MARTINS AMARO

DIAGRAMAÇÃO:
PEDRO STAACKS

“As pessoas que vivem na periferia têm uma média de vida muito menor”

FOTO: GISELE FARIAS



FALTA DE SANEAMENTO: Esgoto a céu aberto em Paraisópolis

Projetos sociais de torcidas organizadas paulistas mostram lado humanitário

Apassionados por futebol idealizam campanhas que salvam vidas

FOTOS: MANU AZEVEDO

Mesmo que divida opiniões, é fato que as torcidas organizadas do estado de São Paulo colorem e alegrem as arquibancadas. Mas o verdadeiro espetáculo dessas associações se desenrola distante dos estádios. Projetos, eventos e ações procuram ajudar pessoas e grupos que precisam de atenção especial ou até mesmo lazer.

Em períodos comemorativos, como a Páscoa, os torcedores executam projetos solidários, que vão além de um simples passatempo ou distribuição de presentes. “Às vezes a gente acha que é só uma entrega de chocolates, mas não, aquele ovo de Páscoa parece que muda a vida das crianças... É gratificante. Fazemos tudo com o maior carinho: tem brincadeira, palhaço, pipoca, hot dog e depois tem o coelhinho para entregar os chocolates”, destacou Mayle Petrone, que faz parte do grupo de coordenação do departamento social da Torcida Jovem Camisa 12, uma das principais organizadas do Corinthians.

O projeto idealizado pela associação corinthiana ocorre todos os anos e o número de participantes se amplia a cada edição. Antes, as ações sociais eram divididas em regiões: cada zona da cidade tinha a sua logística para administrar os eventos. Graças ao aumento de demanda, hoje, as ações são estruturadas pelas “quebradas”. Assim, o planejamento do projeto fixo fica

a critério de cada subsele, o que auxilia no processo de elaboração e divulgação, para que mais crianças participem da festa. Este é o caso, por exemplo, da Campanha de Páscoa, que começou no mês de março e terminou em abril com um grande evento na sede principal, localizada no Belenzinho.

A campanha “Sangue Alverde”, idealizada pela Mancha Alverde, ficou ainda mais conhecida por meio das redes sociais, onde garantiu visibilidade a uma causa necessária. O projeto da torcida palmeirense surgiu no início da existência da associação e hoje conta com o apoio das inúmeras subseleções espalhadas pelo país, como explica Fernanda Pereira, diretora do departamento social

“A gente é parado e é escoltado [...] revistam o ônibus, tênis e se não estiver usando, olham até o chinelo”

(Matheus Gerlach)



SEDE TORCIDA JOVEM CAMISA 12: Portão de entrada para associados e visitantes



LOJA MANCHA VERDE: Homenagem realizada pelo Conselho Esportivo de Abu Dhabi

da organizada. “A gente coloca a campanha como projeto fixo no calendário do departamento social, então, todas as subseleções realizam a campanha no mesmo mês.

[...] Se quiserem fazer a mais ou se algum torcedor estiver precisando de doação, a gente sempre movimenta, nem que seja pelas redes sociais,

Na Baixada Santista, o trabalho realizado pelos associados da Torcida Jovem do Santos sublinha o compromisso e a dedicação da instituição com a comunidade. Um dos projetos é a Copa TJ, que tem como objetivo evidenciar o futebol de várzea, virou tradição na região e também se expande a cada ano. “Cada bairro ou cada cidade, dependendo do tamanho, forma times e a gente faz um calendário como se fosse um campeonato mesmo [...] os times sobem aqui para a subseleção da baixada e tem um dia fixo”, contou diretor do

crição, sorteio na fase de grupos e claro, os campeões levam troféu e medalhas para casa. O objetivo da organizada é oferecer cada vez mais atividades para a comunidade santista. “A ideia é essa, trazer todo mundo no final de semana e competir, também tem as outras atividades, tem ensaio da escola de samba então provavelmente vai estar rolando escolinha de bateria [...] atrai bastante, através do esporte a gente consegue atingir outras pessoas”.

O destaque da Torcida Independente do São Paulo está nas campanhas de arrecadação de alimentos, organizadas pela própria associação ou até mesmo pelo São Paulo, que reconhece o propósito e se dispõe a auxiliar no que for possível. “O direito de ser independente, nos dá o direito de sermos solidários, desde 1972, nosso estatuto é social, cultural e esportivo”, destacou Henrique Gomes, mais conhecido como Baby, figura de grande relevância para a torcida e ex-presidente da associação. Os alimentos arrecadados são separados, preparados e distribuídos, por voluntários, em marmiteiras, para cidadãos em situação de rua. As entregas das refeições acontecem todas às terças e quintas, na região central da cidade de São Paulo.

“As torcidas organizadas são um dos maiores movimentos sociopolíticos do país”

(Matheus Gerlach)

departamento social, comunicação e relações públicas, Matheus Gerlach. O campeonato é levado a sério, conta com prazos de ins-

REPORTAGEM:
AMANDA DINIZ
MANU AZEVEDO

DIAGRAMAÇÃO:
MANU AZEVEDO

FOTOS: MATHEUS GERLACH



SEDE DA TORCIDA JOVEM DO SANTOS: Fachada da loja oficial e da secretaria do time



CASA TORCIDA INDEPENDENTE: Parte superior da loja com vista para o estádio Morumbi

Esporte paralímpico na Zona Sul de São Paulo atrai jovens e promove inclusão

Região é referência no paradesporto, contando com três centros de treinamento

Crescimento em atividades inclusivas, na Vila Mariana, tem atraído jovens para a modalidade de esporte adaptado. O Sesc situado no bairro, por exemplo, é destaque em reunir praticantes de modalidades esportivas adaptadas. Quadras com acessibilidade, equipamentos adaptados como cadeira de rodas para o basquete, corrimão mais baixo e elevadores mais amplos fazem a diferença e permitem, assim, que mais pessoas se beneficiem do espaço para a prática esportiva.

Outra unidade importante no cenário de esportes adaptados é o Centro de Treinamento Paralím-

pico Brasileiro (CTPB), localizado no Jabaquara. A instalação foi inaugurada em 2016, e até hoje é a maior da América latina. Além disso, é possível encontrar o Centro de Treinamento Paralímpico (CTP), localizado no Ipiranga, também na Zona Sul de São Paulo. O local serve para que os novos atletas comecem a adquirir uma rotina de treinos e adaptações durante a sua evolução no esporte de alto rendimento.

No Brasil, atletas como Vileide Almeida, Isabela Ramona, Dwan Gomes dos Santos e Pedro Barbosa da Silva, representam a Seleção Brasileira de basquete em cadei-

“O Sesc situado no bairro, por exemplo, é destaque em reunir praticantes de modalidades esportivas adaptadas”

ra de rodas. “Vejo cada vez mais o crescimento do Paradesporto em nosso país”, é o que diz Vileide, carinhosamente apelidada de Vivi Almeida. Ela também afirma que é importante a dedicação dos profissionais que ajudam a disseminar o conhecimento. Vivi é jogadora da seleção brasileira feminina de Basquete em Cadeira de Rodas, e coleciona diversos títulos e grandes conquistas pelo país. O principal exemplo é a medalha de bronze na Copa América, conquistada em cima da seleção da Argentina.

Reflexo dessa expansão, do cenário esportivo, são os números positivos dos últimos anos. Nos

Jogos Paralímpicos de Verão em 2016, realizados na cidade do Rio de Janeiro, a delegação brasileira atingiu seu recorde de medalhas conquistadas: foram 72 ao total, das quais 14 medalhas foram de ouro. O mesmo marco foi conquistado na edição seguinte em 2021 em Tóquio, que chegou a 72 medalhas totais. Mas no Japão, a delegação brasileira teve ainda mais campeões, e alcançou a marca de 22 medalhas de ouro.

REPORTAGEM:
LUAN GUIMARÃES
LUCAS BUENO

DIAGRAMAÇÃO:
NAHALY CRISTINI

Com futebol feminino em crescimento, escolinhas oferecem turmas exclusivas para meninas

Trabalho em equipe e confiança são valores passados para as alunas

O aumento no interesse pelo futebol feminino no Brasil tem levado a um crescimento na busca de escolinhas de futebol com turmas femininas. Essa mudança tem tornado o esporte mais inclusivo e acessível para meninas e mulheres. “Após a criação da turma feminina, que conta com 15 atletas, houve bastante procura. A escolinha vai dar o espaço e suporte que elas precisam para o desenvolvimento. Eu acredito muito no futebol feminino”, afirma Eduardo Goto, sócio fundador da escola GoTo Esportes.

“Eu tenho esse sonho, assisto futebol na minha casa desde sempre e me apaixonei pela seleção americana feminina, e daí surgiu o sonho de ser profissional”

Durante o treino, é perceptível quando apenas a técnica está em evolução, mas também a dedicação e a força de vontade da nova geração de meninas. Cada passe, corrida e drible reflete o potencial atlético e o comprometimento dessas jogadoras na busca do seu maior objetivo. “Eu tenho esse sonho, assisto futebol na minha casa desde sempre e me apaixonei pela seleção americana feminina, e daí surgiu o sonho de ser profissional”, conta Clara, 14 anos.

Além do desenvolvimento físico

da atleta, são aprimorados também o cuidado dedicado à saúde emocional e cognitiva das meninas, através de conversas com as alunas e criando vínculos com as famílias. Por fim, é importante compreender cada criança quanto ao seu estágio de desenvolvimento. “Eu era tímido, mas me soltava na quadra. O esporte me deu confiança e identidade. Quero que as atletas sintam isso também, que possam encontrar na prática esportiva não apenas evolução atlética, mas também um espaço para descobrir e fortalecer a confiança”, complementa Eduardo.

O interesse no futebol feminino aumentou 34%, de acordo com o Sponsorlink. “As meninas vêm por interesse próprio. A diferença entre meninos e meninas é que, às vezes, os pais buscam a escolinha de futebol para os meninos. Ainda não chegamos ao ponto em que os pais querem colocar as meninas por vontade própria”, finalizou, Eduardo.

As aulas e treinamentos são passados igualmente para as meninas e meninos, sem nenhum tipo de alteração na dinâmica, demonstrando um compromisso com a igualdade no ambiente esportivo. Nas aulas mistas, as meninas demonstraram possuir técnicas e habilidades que as capacitam a competir nas mesmas condições que os meninos. “Meninas que participam de aulas mistas demonstram uma grande evolução, ganhando agilidade e habilidades significativas. Por outro lado, em aulas exclusivamente femininas, elas desenvolvem trabalho em equipe e confiança, o que contribui para seu progresso ainda mais.”, completa Renato Figueiredo, outro professor da escola.

REPORTAGEM:
ISABELA FRANÇA
GUSTAVO FORTES

DIAGRAMAÇÃO:
NAHALY CRISTINI



FOTO: GUSTAVO FORTES.

PRESENÇA: Mulheres enfrentam o machismo e ocupam espaço nas quadras

Valor de ingressos muda acesso a shows

Custo varia entre R\$ 200 e R\$ 1 mil; fãs questionam preço abusivo de taxas

Shows de artistas internacionais tornaram-se cada vez mais recorrentes e fãs brasileiros têm enfrentado dificuldades para garantir acesso aos eventos por conta da alta nos valores. Os preços variam de R\$ 200,00, para locais com menos visão e mais afastados do palco, até acima dos R\$ 1.000,00. As reclamações dos admiradores levantam a questão da má organização das produtoras, principalmente com o setor cultural, que engloba shows, peças de teatro, exposições, e outros tipos de manifestação artística e é um dos que mais impacta na economia.

Mariana Fernandes, 32, é uma frequentadora assídua de shows e diz que o que mais a incomoda são os valores de taxas e como a precificação desses

eventos parece tabelada. “Antigamente, eu pagava R\$ 100 em uma meia entrada, no mais caro, R\$ 150 na pista premium e hoje você não consegue pagar menos de R\$ 350 na meia, sem incluir taxas, mesmo sendo um espaço pequeno.”

No primeiro semestre de 2024, quatorze festivais de música já foram realizados em diversos estados. Mas à medida que os preços dos ingressos aumentam, tornou-se mais difícil prever quanto será desembolsado. “Não existe mais um preço médio do que é um show nacional ou internacional, um show com uma casa grande ou pequena”, relata Mariana.

Segundo professor doutor do Departamento de Economia da FEARP/USP Luciano Nakabashi a variação nos valores se torna cada vez mais sig-

Hoje, você não consegue pagar menos de R\$ 350 na meia entrada”

(Mariana Fernandes, consumidora de shows)

nificativa conforme o crescimento de público do artista, junto com os gastos para ir a outro país e as exigências que esses profissionais têm em termos de recepção, estádia e da qualidade do

equipamento, que também influencia.

“Quanto mais pessoas querem assistir a esse show, é natural que o preço seja mais alto. E quando pensamos em artistas internacionais, o custo é muito maior também, é pago um cachê maior. É claro que aumenta o preço do ingresso.” ainda explica o economista.

A indústria cultural tem um impacto imenso na economia do país. São gerados em torno de 93 mil vagas de empregos formais e 112 mil informais, o que resulta em uma receita de até R\$102,5 bilhões. De acordo com pesquisa da Associação Brasileira dos Promotores de Eventos (Abrape), nos primeiros 7 meses de 2023, o setor de eventos teve o melhor resultado desde 2019, superando o período pós-pandemia. O maior pico de consumo foi em julho, com arrecadação total de R\$9,7 bilhões.

Além do valor pago pelo o ingresso, a inflação em outros setores também afeta a experiência do público. Em 2023, na região sudeste, que concentra a maior parte dos shows, a diária média de hotéis subiu em torno de 23,4%, de acordo com a pesquisa do Fórum de operadores hoteleiros do Brasil (FOHB). O gasto se estende quando se considera também alimentação e transporte público que, em São Paulo, teve reajuste de 13,6% no primeiro semestre de 2024.

As queixas em relação à organização dos shows tornaram-se frequentes para o público, que acredita que o valor pago não condiz com o serviço oferecido, que inclui a estrutura, admi-

nistração e acessibilidade, que são os pontos mais apontados.

Frequentadores desses eventos esperam que a organização ofereça uma ótima experiência pelo que foi pago e as dificuldades de conseguir um ingresso. “Acredito que o conjunto da obra, o quanto você é bem tratado naquele lugar, o quanto a organização olhou para que aquilo ocorresse sem nenhum problema, no final, como uma pessoa que gastou dinheiro, usando a razão, a gente pensa que valeu a pena. Agora, quando há um descaso, quando não há um bom tratamento, eu acho que isso fica em aberto”, relata Desirré Andrade, fã e influenciadora que dedica suas redes sociais dando dicas de como ter melhores experiências nesses eventos.

Apesar de todas as dificuldades, os artistas reconhecem que os fãs brasileiros representam um dos públicos mais receptivos do mundo e superam obstáculos em busca do sonho de assistir aos seus artistas favoritos. “Eu acho que o amor do fã, ele acaba sendo um amor, que o fato de você estar vendo o artista pra você valeu todo e qualquer esforço”, comenta a influenciadora.

As produtoras de shows foram procuradas, mas não responderam sobre os valores das taxas e precificação dos ingressos.

REPORTAGEM:
BRUNA HELFSTEIN, JULIA SARDILER
MILEIDE ALCANTARA

DIAGRAMAÇÃO:
BRUNA HELFSTEIN

FOTO: MILEIDE ALCANTARA



SHOW: Grupo sul-coreano TWICE se apresentou no Allianz Parque em 2024

CURSOS DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

NÓS BUSCAMOS

A COMUNICAÇÃO QUE FAZ DIFERENÇA

E VOCÊ, O QUE BUSCA?

FAPCOM, FORMANDO COMUNICADORES PARA UM NOVO TEMPO.



CURSOS COM **NOTA DE EXCELÊNCIA** NO MEC E ENADE



VESTIBULAR FAPCOM 2025.1

INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O PRIMEIRO SEMESTRE DE 2025



Mulheres MC's desafiam preconceitos em batalhas de rima na capital paulista

Apesar de minoria, elas são presença cada vez maior nas competições

FOTO: SARAH BRITO

Em São Paulo, mulheres buscam cotidianamente um espaço para serem ouvidas e demonstrarem seus talentos nas batalhas de rima. É através de poesias líricas que MC's almejam um espaço de representatividade, mas encontram dificuldades de crescimento em um ambiente desigual, predominantemente masculino.

É muita pressão quando você

Uma a cada 10, ou mais integrantes escalados para batalhas de diversas zonas da cidade, correspondem a artistas mulheres

é uma mina e tá rimando na roda”, desabafa Nalai, MC de 16 anos que há três meses rima em batalhas na zona sul. “O povo, às vezes, meio que desmerece a nossa vez, principalmente se você tá rimando com um homem”, diz.

Foi durante o ensino fundamental que a jovem moradora do Capão Redondo descobriu ser boa unindo as palavras, e após um con-

vite de uma de suas amigas, resolveu se arriscar.

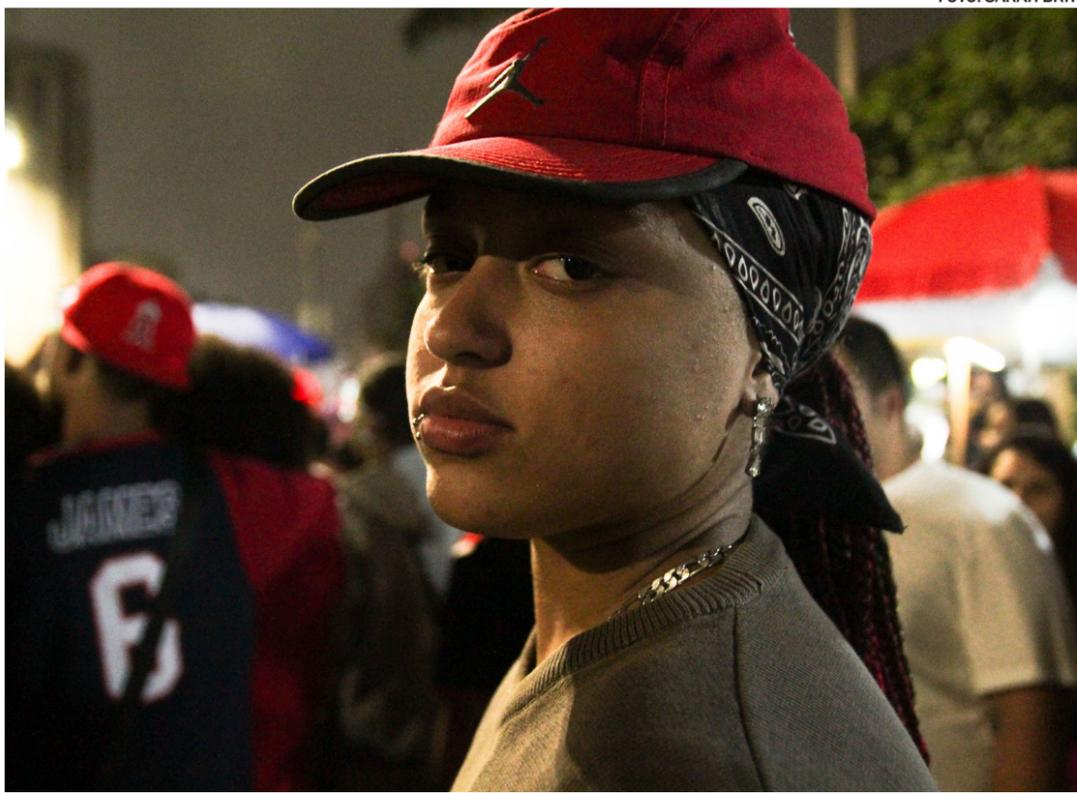
“Um dia, fui convidada para colar em uma batalha que só mulheres iriam duelar. Lá eu conheci a LaTrix, que hoje virou minha amiga. Ela rimou muito naquele dia, e foi por causa dela e de outras MC's que tomei coragem para me inscrever nas batalhas. Mas logo entendi o porquê poucas participavam”, lembra Nalai.

Assim como outras centenas de artistas, ela faz parte de uma minoria de mulheres presentes no cenário de batalhas na capital paulista. Apenas 1 a cada 10 integrantes escalados para batalhas de diversas zonas da cidade, correspondem a artistas mulheres.

“Já rimei muito em batalhas sendo a única mulher, e hoje vejo que poderia ter sido um pouco mais tranquilo se as minas estivessem em maior quantidade no cenário, ou melhor, se os caras cedessem mais espaço”, comenta Levinsk, MC de destaque em batalhas de diversas regiões da capital.

A artista, ao contrário das expectativas relacionadas ao gênero na rima, ganhou notoriedade em participações na Batalha da Aldeia, localizada em Barueri - considerada pelo público como uma das mais disputadas dentro da região paulista. Ela ficou ainda mais conhecida após uma participação na quarta temporada da série Sintonia, exibida pela Netflix, quando interpretou a personagem MC Larety.

“Se eu não continuasse a fazer o que eu sou boa em fazer, não



POTÊNCIA: MC Nalai na plateia da Batalha da Ana Rosa, em São Paulo; elas desafiam o preconceito e se posicionam

teria conquistado os espaços que conquistei. Foi através da rima que minha vida mudou e eu tentei muito para conseguir tudo”, ela desabafa.

Contra as estatísticas, a Batalha da Dominação, por exemplo, é uma das referências quando o assunto é inclusão e diversidade de participantes. Localizada na saída do Metrô São Bento, a organização conta somente com MC's mulheres, não-binárias e transexuais, sendo uma das

únicas nessa configuração na cidade.

Esporadicamente a organização da Batalha da Aldeia realiza edições semelhantes a esse formato. Uma delas é a 'Edição das Venenosas', uma batalha realizada exclusivamente para mulheres em homenagem a uma de suas apresentadoras, a MC Venenosa, que faleceu prematuramente em 2020 devido a uma crise de asma.

Mesmo com as adversidades, MC's levam a persistência como

tópico central para suas rimas, dentro e fora do movimento hip-hop, representando que elas, apesar de minoria no cenário, resistem à dificuldade, desafiando preconceitos.

REPORTAGEM:
NICOLAS OLIVEIRA
SARAH BRITO

DIAGRAMAÇÃO:
NAHALY CRISTINI

Museu Lasar Segall, no bairro da Vila Mariana, é espaço multicultural escondido em São Paulo

Despercebido dos olhares de muitos, o lugar é um refúgio relaxante no meio da cidade

FOTO: MATHEUS CROBELATTI.

Poucos museus em São Paulo oferecem um espaço que proporciona uma imersão no universo de um único artista. Menos ainda, trazem experiências acessíveis a todos os tipos de públicos e para variados gostos. O Museu Lasar Segall vai além de ser a casa de um dos grandes nomes do movimento modernista brasileiro, é acima de tudo um espaço para todos.

Além de trazer um imenso acervo de obras do pintor, gravador, escultor e desenhista Lasar Segall, o museu conta com atividades culturais muito variadas, desde um cinema que exhibe uma curadoria mensal de filmes clássicos até aulas de gravura e desenho em um ateliê.

Durante muitos anos, o espaço serviu como residência para Segall. Ele veio da Lituânia para o Brasil, desenvolveu um amor profundo pelo país e se natural. Após seu falecimento, a família doou as obras à união, e po- união, o que possibilitou a criação do museu



EXPERIÊNCIA CULTURAL: Parte externa do Museu Lasar Segall, área multicultural

em homenagem ao artista.

Dessa forma, hoje em dia, é possível apreciar todas as obras do lituano em um único local. Uma

raridade, até mesmo para artistas consagrados, o que confere ao espaço uma singularidade notável. É o que destaca Bruno Dominguez, assessor de imprensa do museu: “Outros

modernistas, como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, não tem um museu próprio e com tantas obras no mesmo lugar. Aqui você pode ter um panorama completo do Segall”.

A atividade principal do museu é o acervo de obras, mas, além disso, é um espaço verdadeiramente multicultural. Pode não ser do seu gosto apreciar exposições de obras, e mesmo assim, é possível encontrar diversão com outras programações do museu, como assistir a um filme, fazer uma oficina de gravura, ou apenas decansar os olhos em uma área aconchegante. Como diz a coordenadora da área de ação educativa do museu, Josiane Cavalcanti, “pela manhã pode fazer uma oficina, de tarde ver um filme e depois a exposição do Segall, aí você pode ter uma experiência bem diversificada.”

O museu está localizado no bairro da Vila Mariana, aberto de quarta a segunda das 11h às 19h, gratuitamente.

REPORTAGEM:
MATHEUS CROBELATTI
KAYLAINE TRINDADE

DIAGRAMAÇÃO:
NAHALY CRISTINI

Parque Ibirapuera completa 70 anos

Do brejo ao cartão-postal, como o local marcou a história de São Paulo

FOTO: ALAN CARDOSO E GABRIEL D'ANGELO

Um antigo brejo no coração da capital paulista se tornou um marco da arquitetura moderna e converteu-se em cartão postal de São Paulo. Com importante papel para o desenvolvimento da cidade, da cultura e do lazer, o Parque Ibirapuera completa 70 anos em 2024, e sua história se confunde com a de milhares de paulistanos que nasceram e, em alguns casos, tiveram seus berços no parque.

Na crescente São Paulo do início do século 20, surge a necessidade de um parque metropolitano. Com isso, é inaugurado em 1954 o Parque Ibirapuera, na zona sul da capital paulista. José Luis, 71, frequenta o parque desde então. “Meu pai me trouxe na inauguração, eu tinha 2 anos, frequentei desde criança. O lago tinha barquinhos navegando. Tenho uma foto em frente a bienal do dia da inauguração.”

Outra história marcante é a de Maria Tânia, nordestina do Alagoas. Ela se mudou para São Paulo há quase 30 anos. Quando ficou desempregada, viu o Parque Ibirapuera como uma oportunidade de sustento. Suas filhas foram criadas no parque. “Pra eu ter minhas duas filhas, eu vinha pra cá, trazia a mais velha e colocava em uma caixa de papelão. O berço dela era dentro de uma caixa de papelão, ela cresceu no parque”. Atualmente sua filha encontra-se formada no ensino superior e ajuda a mãe nas vendas.

No campo acadêmico e de pesqui-

O berço dela era dentro de uma caixa de papelão, ela cresceu no parque”

(Maria Tânia, vendedora do parque)

sa, a Doutora Fernanda Curi também tem sua trajetória marcada pelo Parque, tema de suas pesquisas. “Trabalhei no arquivo da Fundação Bienal. Foi onde eu também encontrei as fontes primárias da minha pesquisa, toda a documentação arquivística foi nesse arquivo da Bienal, tem muita coisa interessante. Encontrei esses pacotes de jornais e mapas e cartas que se culminou na tese.”

Parque Ibirapuera teve seu objetivo modificado com o passar do tempo, transformando-se em um espaço de lazer. “O parque nasceu conhecido pelo ambiente construído e não pelo ambiente natural.” afirma Curi. O Ibirá, como é carinhosamente chamado pelos paulistanos, tem como característica marcante: os pavilhões modernistas construídos por Oscar Niemeyer. Devido ao tamanho das construções, para o quarto centenário



ESTRUTURA: Uma das principais vias pavimentadas do parque, que preserva as áreas verdes

da cidade foram feitas parcerias com o setor privado, para eventos, e com órgãos públicos, como a prefeitura de São Paulo entre 1961 e 1991.

Nos anos 70, o parque chegou a ser sinônimo de decadência, com lagos sujos, assaltos, sem limpeza nas áreas comuns, entre outras questões. A partir dos anos 80, foram criados banheiros perto das entradas, além de uma melhora substancial em setas e instruções para se chegar nos mesmos. Também houve aperfeiçoamento nos restaurantes e lanchonetes, o que aumentou a qualidade do local e a experiência dos seus visitantes, e marcou ainda mais a memória dos paulistanos

que passaram a frequentar o local com mais frequência. “O que mais mudou foi uma estruturação, como por exemplo a uma sinalização melhor ali no bosque, na entrada, na pista de bicicleta”, lembra João Mendes, frequentador do parque há 45 anos.

Para quem mora em bairros próximos ao Parque Ibirapuera, o alto valor do imóvel não é um problema, diante dos benefícios. “Sempre tive muito contato com o natural, o verde, e São Paulo é muito urbana, é muito difícil ter um ar mais puro, um lugar mais fresco, mais silencioso, você escutar mais o som da natureza, é um lugar de reconexão”, analisa Gabrielle Martins,

moradora do bairro da Vila Mariana.

O parque encontra-se atualmente sob a gestão de uma empresa privada, a Construcap, sob o nome de Urbia. Com a concessão o Ibirapuera tem mais patrocínio de marcas em seus espaços, máquinas de lanches e bebidas e espaços recreativos, além de espaços gastronômicos. O horário de funcionamento do Ibirapuera vai das 5h00 às 23h00 mas há lugares dentro do parque que fecham antes, como por exemplo os museus e a Praça Burle Marx.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO
ALAN CARDOSO
GABRIEL D'ANGELO

Vila Mariana oferece passeios gratuitos na região

De biblioteca a um ambiente arborizado, confira as atrações com horários variados que podem ser acessadas no bairro todos os dias da semana

FOTO: STELLA URZE



ESTRUTURA: Ponto turístico histórico e cultural é aberto a visitas

CINEMATECA

Se você está pensando em curtir um cinema gratuito com seus amigos, na Vila Mariana, o Cinemateca pode ser o melhor lugar. O local contém salas fechadas e ao ar livre, com vários gêneros de filmes em sua programação. Conta também com uma cafeteria aconchegante e com ótimos preços, além de exposições temporárias e fixas, um jardim público, e um grande acervo de livros voltados ao cinema, roteiros e scripts de filmes.

O lugar já foi espaço para momentos históricos e relevantes para o país. É o primeiro recinto a reunir jovens com intuito de estudar cinema e foi fechado pelo Estado Novo, o que o tornou um matadouro até meados de 1988. Passou por reformas e foi tombado como patrimônio histórico, tornando-se finalmente museu, cinema e biblioteca pública.

A cinemateca fica localizada a 20 minutos a pé da estação de metrô Vila Mariana. Muito fácil de chegar no endereço, que fica no Largo Sen. Raul Cardoso, 207 - Vila Clementino, São Paulo - SP, e funciona todos os dias das 08h00 às 21h00 horas. Fique de olho na programação dos eventos por meio das redes sociais (@cinemateca.br) ou pelo site (<https://www.cinemateca.org.br/>).

SESC VILA MARIANA

Já o Sesc Vila Mariana conta com diferentes atividades para diversos públicos, e muitos se enganam ao pensar que apenas quem possui a carteira Sesc consegue conferir as programações ou usufruir do ambiente, já que se trata de um local público, que todos podem visitar. O Sesc Vila Mariana possui dois prédios com dez andares cada um, com dois cafés, espaço de brincar, solarium e teatro abertos a todos os públicos. O teatro tem em sua programação shows e peças gratuitas ou com valores simbólicos para ajuda de custos. “A prática de atividades no Sesc tira a criança da televisão, faz os idosos saírem do celular, distrai a cabeça, faz a gente ver outras pessoas e interagir”, relata Dona Elmira, frequentadora do local.

A 20 minutos a pé da estação de metrô Ana Rosa, o espaço fica na R. Pelotas, 141 - Vila Mariana, São Paulo - SP, com horário de funcionamento de terça a domingo das 7h às 21h durante a semana, e aos fins de semana das 10h às 20h30. O horário pode variar nos feriados, por isso para acompanhar os shows, espetáculos e oficinas oferecidas nesta unidade do Sesc, fique ligado nas redes sociais (@sescvilamariana) ou no site (<https://m.sescsp.org.br/unidades/vila-mariana/>).

PLANETA INSETO

Passeio perfeito entre amigos e família, o jardim zoológico de insetos possui atividades interativas, exposição de espécies, possibilidade de interagir com alguns insetos vivos, salas decoradas, funcionários prontos para oferecer explicações e curiosidades sobre os bichinhos, além da tradicional “corrida de baratas”, que deixa qualquer um interessado.

O Museu do Instituto Biológico também tem intuito educativo, o que torna o passeio perfeito para todos os públicos. Para a jovem Marina Rodriguez, que passou uma tarde no museu, a visita vale a pena. “Quando eu vim, pensei que seria algo voltado ao público infantil, mas me surpreendi quando vi que não, é bem legal para os adultos também. Você se diverte e aprende bastante de um jeito legal.”

O Planeta Inseto fica a aproximadamente a 20 minutos do Metrô Ana Rosa, na Av. Dr. Dante Pazzanese, 64 - Vila Mariana, São Paulo - SP. Funciona de terça a domingo, das 9h às 16h, com possibilidade de mudança durante feriados. Para saber mais sobre as exposições e funcionamento, basta checar as redes sociais do instituto.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
GIOVANNA BOSCOLO E STELLA URZE

‘Pele preta, manto verde’: o que pensa a torcida antirracista do Palmeiras?

Clube fundado por imigrantes italianos se diversificou, mas torcedores negros relatam que iniciativas como essa ainda são “resistência”

FOTOS: GUILHERME MONTENEGRO

Eram 14 horas de um dos domingos mais aguardados pelos torcedores alviverdes. No final de um dos mais disputados Brasileirões da história, mesmo que a consagração como campeão tivesse sido melada pelo Flamengo, que venceu o Cuiabá por 2 a 1 no dia anterior, os arredores do Allianz Parque estavam completamente ocupados pela torcida que mais comemorou títulos brasileiros nos últimos dez anos.

Na rua Caraíbas, dentre muitas bandeiras de tradicionais torcidas palmeirenses, um bandeirão chama atenção pela frase “Fogo nos racistas”. Era o cartão postal da torcida Zumbi dos Palmeiras, fundada em maio de 2023 por um grupo de torcedores do clube que vivenciam o estranhamento a sua identidade por parte de torcedores brancos dentro e fora dos estádios, o que traz a necessidade de afirmação de que esses torcedores existem e que podem ocupar esse espaço sem apagar sua identidade afrobrasileira.

Renato Oliveira, jornalista de 23 anos, foi um dos fundadores da torcida que segundo ele tem o objetivo de “tirar o estereótipo que o Palmeiras é só time de branco e italiano, que o Palmeiras é só time de playboy, um time que tem muito torcedor preto e muito torcedor da quebrada”. A referência do nome da torcida ao mais reconhecido líder quilombola no Brasil, segundo Renato, é uma forma de demonstrar o posicionamento do grupo. “A gente queria um nome que já causasse impacto, que é a mensagem quando o pessoal lê o nome, já entendesse qual que era o nosso direcionamento, a nossa ideologia”, pontuou.

A busca pela representatividade nesse espaço também atraiu a atenção da estudante de publicidade Elisa Maria de Lima Neta, de 19 anos. A jovem lembra que seu pai é palmeirense, mas sempre foi questionado sobre tal fato. “O pessoal da rua dele vivia zoando ele. ‘Ai, você, preto, pobre, de Quebrada, maloqueiro, sendo palmeirense’. Ai ele acabou meio que ocultando isso da vida dele.”

No caso de Elisa, ocupar esse espaço pode ser ainda mais complexo, já que a masculinização do mundo do futebol criou barreiras ainda maiores para as mulheres negras estarem nos círculos de torcidas organizadas. A jovem defende que um de seus objetivos nessa atuação na Zumbi dos Palmeiras é atrair mais ainda esse setor, pois muitas ainda teriam “receio” desse espaço, pois quando querem discutir futebol são taxadas como quem “não sabe nada de futebol”, finaliza a estudante.

Mas fato é que o mundo do futebol não está isolado da realidade



IDENTIDADE: Na Rua Caraíbas, integrantes da Zumbi dos Palmeiras abrem bandeirão que se tornou cartão postal

desigualdades socioeconômicas e raciais que estruturam o Brasil. A bola rolou no Allianz Parque e Renato estava à postos junto de uma infinidade de pessoas para acompanhar o primeiro tempo do jogo, quando foi abordado por outro torcedor que questionava a presença da torcida antirracista na Rua Caraíbas, dizendo frases como: “Aqui não tem racismo, aqui não tem branco nem preto, é todo mundo verde”, gerando um intenso debate no meio da multidão que parecia estar mais interessada nos dois gols anulados (e mesmo assim comemorados) do Palmeiras nos primeiros minutos de jogo.

“A gente é Palmeiras, mas veio pra atormentar todo mundo. Vai se incomodar com isso por que? Se o palmeirense não entende a mensagem de fogo nos racistas, é fogo nele também”, comentou Renato, sobre possíveis obstáculos à organização do grupo dentro da própria torcida.

Essa tentativa de invisibilização do conflito racial dentro do futebol nunca foi possível, já que o esporte coleciona desde histórias de divisões raciais de torcidas e casos de jogadores que foram vítimas de racismo dentro e fora de seus clubes. O professor de educação física e ex-árbitro da Confederação Brasileira de Futebol, Márcio Chagas, afirma que “o estádio é uma representação de uma estratificação racial e social muito bem desenhada. Quem senta nos camarotes, nas cadeiras e nas arquibancadas, ditas como sociais, é um público majoritariamente branco”.

Chagas sabe bem o que é se sentir isolado dentro desse mundo, o professor conta que foi durante um determinado momento, no Rio Grande do Sul, o único árbitro negro apitando. “Quando

eu abro a denúncia em 2014 e falo sobre um caso de racismo que eu passei na serra gaúcha e na cidade de Bento Gonçalves, automaticamente eu me afasto da arbitragem e fica uma lacuna de 9 anos sem que tenha um árbitro negro apitando no Campeonato Gaúcho da 1ª Divisão, e nenhum árbitro negro mais ocupou a função.”

Ele explica que a fundação de uma torcida como a Zumbi dos Palmeiras cumpre o papel de não deixar que pessoas negras se sintam isoladas em qualquer lugar. O entendimento que leva as pessoas negras periféricas a se organizarem de uma forma, por meio de torcidas organizadas é exatamente a ideia do aquilombamento. “Porque nos últimos anos, em virtude de uma elitização e um afastamento dos pobres e automaticamente dos negros, é uma maneira de voltar a ser um esporte popular”, finalizou o ex-árbitro.

“A GENTE É UM QUILOMBO”

Em concordância com a ideia apresentada por Márcio Chagas, essa frase também foi ecoada por Renato e Elisa. Segundo os palmeirenses, os próximos passos da torcida serão para fazer crescer ainda mais esse quilombo. Baile black, ação social, participação em manifestações e o aluguel de uma sede estão entre as prioridades, mas a maior expectativa nesse momento é pelo título do campeonato brasileiro que, ao que tudo indica, será comemorado pelo Zumbi dos Palmeiras na Barra Funda e em outras tantas quebradas de São Paulo.

REPORTAGEM:
GUILHERME MONTENEGRO

DIAGRAMAÇÃO:
PATRÍCIA CÂMPINAS



IDEOLOGIA: A integrante Elisa Maria de Lima Neta atua para garantir a inclusão de mulheres nas organizadas

Entre panelas e histórias: a contribuição dos refugiados à gastronomia paulista

Relação inovadora garante que cada prato se torne uma narrativa de resiliência; chef fortalece laços entre Colômbia e Brasil

Em meio à agitação de São Paulo, a presença de refugiados se traduz não apenas em números, mas em sabores que contam histórias. A gastronomia se tornou um elo vital entre tradições culinárias de diferentes origens, proporcionando uma experiência que transcende a simples alimentação. Em restaurantes gerenciados por refugiados, os pratos não são apenas refeições, mas narrativas que celebram a diversidade e oferecem um convite para se conectar pelo paladar, construindo pontes culturais numa cidade que se alimenta de histórias tão diversas quanto seus habitantes.

No cerne dessa jornada gastronômica, destaca-se Liliana Patrícia, uma refugiada colombiana cuja cozinha é mais do que um mero espaço de preparo de alimentos. É uma extensão viva

de uma história marcada por resiliência e amor pela rica cultura latino-americana. “Acredito que a gastronomia seja uma das melhores maneiras de transmitir cultura. No nosso caso, isso ocorre não só pelos pratos, mas também pelo atendimento, meu marido é quem serve os clientes e muitos ficam curiosos ao ouvir o sotaque. Logo começam a querer conhecer mais sobre nossa história”.

Liliana chegou ao Brasil em 2014, sempre trabalhou no ramo da gastronomia e afirma que ela e a família eram bem-sucedidos antes de se refugiarem. Ela conta que foram as extorsões e propinas exigidas que a deixaram sem outra alternativa a não ser fugir da Colômbia por conta das ameaças que passou a sofrer. “Ficamos 12 anos pagando o valor exigido para manter o negócio de pé, até o momen-

to em que se tornou impraticável. Começou com uma média de R\$ 50 por cada loja, e nos últimos anos estavam cobrando cerca de R\$ 2 mil cada. Decidimos parar e sair, mas essa saída nos custou muito caro pois começaram as ameaças e não tivemos outra opção a não ser fugir e vir para o Brasil”.

A chef explica que a opção pelo país se deu por lembrar de um primo que havia passado um tempo na região e ao explicar sua situação para ele, foi aconselhada a vir para o Brasil e quais pessoas procurar quando chegasse. Após um ano no país, ela e a família deram início ao empreendimento de vender sua própria comida. O projeto que começou com uma pequena bicicleta de arepas (prato típico colombiano) evoluiu gradativamente, passando por um food truck, uma kombi, que rodou inú-

FOTOS: DIVULGAÇÃO/URBANIKA



CHEF REFUGIADA: Liliana deixou a Colômbia em busca de oportunidade no Brasil, onde trabalha com o marido



PEDAÇO DA COLÔMBIA: Paladar brasileiro faz refugiados adaptarem cardápio com ingredientes nativos para agradar clientes, conta chef que está na país desde 2014

meras cidades, até se tornar um restaurante de pratos latino-americanos em uma das áreas nobres da cidade, o Urbanika localizado na Vila Mariana.

Sobre a procura do Brasil por boa parte dos refugiados, o professor de Relações Internacionais da ESPM (Escola Superior de Publicidade e Marketing), Demétrius Cesário, justifica essa procura por uma série de fatores, como a proximidade do Brasil com países em crise como a Venezuela e a própria Colômbia. “Por ser um país plural e receptivo, com a convivência harmoniosa entre diferentes culturas, os imigrantes tendem a se sentir acolhidos no Brasil”. Demétrius também considera que o tamanho do país e a maior estabilidade econômica em relação aos vizinhos são outros atrativos aos refugiados que buscam um recomeço.

Ao ser questionado sobre as dificuldades enfrentadas por diferentes grupos de refugiados, o professor considera que no caso de migrantes vizinhos como Liliana, a proximidade geográfica e cultural ameniza os problemas de adaptação. “Os que chegam de outras regiões contam com esses obstáculos como a distância, idioma e outros aspectos sociais”. A respeito das dificuldades que encontrou junto de sua família, Liliana destaca que sofreu bastante com a língua portuguesa, mas afirma que em nove anos no país não presenciou quase nenhuma situação de preconceito, o que reforça a observação do especialista.

do o continente com os vizinhos latino-americanos existe um abismo de diferenças culturais que se refletem na gastronomia e se tornam empecilhos para refugiados que tentam a vida no ramo. De acordo com a empresária, “quando abri o restaurante inicialmente fizemos com um cardápio bem complexo da gastronomia colombiana, e três dias após a inauguração veio a pandemia e tivemos de fechar”. Por conta do paladar brasileiro muitos refugiados que vêm ao país precisam adaptar seu menu como exemplifica Liliana. “Ao reabrir o restaurante após um ano e meio fechados, mudamos o cardápio pensando no paladar brasileiro, no arroz e feijão e passamos a adaptar tudo voltado aos pratos mexicanos, porém com os gostos do paladar brasileiro”.

De acordo com o escritor Mia Couto “cozinhar é um modo de amar os outros” e através da gastronomia é possível romper culturas e fronteiras com comida, o mercado é competitivo e mudanças são necessárias para conseguir se manter rentável, porém a raízes colombianas ainda fazem sucesso. “Nossa comida é menos temperada, mas acho que isso fez a gente entrar bem no mercado, muitos brasileiros chegam aqui pedindo prato feito e sempre acabam elogiando o sabor dos pratos”, conclui.

REPORTAGEM:
JÚLIO DELAVY E LIVIA GUEDES

DIAGRAMAÇÃO:
PATRÍCIA CÂMPINAS

FOMENTO NA GASTRONOMIA
Mesmo o Brasil compartilhan-